

Março - Abril 2013

A Boa Nova

UMA REVISTA DE ENTENDIMENTO

AVISO DE INVERNO

A Primavera Árabe Que Não Vingou

Página 3

Será Que o Mundo Verá Um Novo Califado? 8 • Israel: Uma Nação em Constante Perigo
13 •

Jesus Não Foi Crucificado Na Sexta-Feira e Nem Ressuscitou no Domingo! 16 •

Índice



Artigo de capa

Aviso de Inverno: A Primavera Árabe Que Não Vingou • 3

Apesar das previsões otimistas de uma “Primavera Árabe”, um frio de inverno islâmico açoita o Oriente Médio, como deixa claro a evolução política no Egito. O que isso significa para o futuro desta região crítica?

Quadro lateral: Um Olhar Mais Atento Sobre A Irmandade Muçulmana • 7

Será Que o Mundo Verá Um Novo Califado? • 8

O que será que vai acontecer quando os islamitas assumirem a responsabilidade das nas nações das revoltas árabes? A Turquia e outras experiências da democracia muçulmana nos dão algum precedente. E no horizonte paira o sonho islâmico—um império restaurado do islamismo. O que isso significa para o futuro do Oriente Médio e do mundo?



Israel: Uma Nação em Constante Perigo • 13

A hostilidade contra o Estado judeu, rodeado por países inimigos, ameaça ficar completamente fora de controle. Como Jerusalém vai lidar com este antissemitismo declarado? O que a Bíblia revela sobre o destino desta nação vulnerável?

Jesus Não Foi Crucificado Na Sexta-Feira e Nem Ressuscitou no Domingo! • 16

Como podemos encaixar três dias e três noites entre uma crucificação na tarde de sexta-feira e o amanhecer do domingo de Páscoa? O fato é que não podemos. Então, qual é a verdade sobre quando Jesus foi crucificado e ressuscitado?

Quem Realmente Matou Jesus? • 19

Jesus Cristo morreu em cumprimento da Páscoa e de outros sacrifícios do Antigo Testamento. Mas quem realmente tem culpa em Sua morte?

ERRATA

Embora tomamos muito cuidado na produção e tradução da Boa Nova, ocasionalmente, alguns erros podem ocorrer pelos quais pedimos sinceras desculpas. Assim, na edição de “Janeiro/Fevereiro 2013” da Boa Nova durante o processo de tradução e revisão, um erro foi introduzido acidentalmente no artigo do furacão Sandy na página 7. Quando mencionamos os ataques de 11 de Setembro em Nova York, em dois lugares do texto (na páginas 7 e 9) foi mencionado incorretamente 9 de setembro, em vez de 11. Em outros lugares do

Moradas Postais

Estados Unidos da América:

Igreja de Deus Unida (Pode pedir em Português, Espanhol ou Inglês)
P O Box 541027,
Cincinnati, OH, 45254-1027
Telefone: +1 (513) 576 9796

Inglaterra:

United Church of God
P O Box 705,
Watford, Herts
WD19 6FZ
Telefone: +44 (0)20-8386-8467

Brasil:

Igreja de Deus Unida
Caixa Postal 7,
Montes Claros – MG,
CEP 39400-970
Telefone: +1 (513) 576 9796

Internet: www.revistaboanova.org / www.gnmagazine.org / www.beyondtoday.tv / www.ucg.org
e-mail: info@ucg.org

© 2013, Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional. Todos os direitos reservados.



AVISO DE INVERNO

A Primavera Árabe Que Não Vingou

Apesar das previsões otimistas de uma “Primavera Árabe”, um frio de inverno islâmico açoita o Oriente Médio, como deixa claro a evolução política no Egito. O que isso significa para o futuro desta região crítica? por Tom Robinson

Doce primavera! Os pássaros estão cantando, as plantas estão brotando, tudo é lindo. E assim muitos no Ocidente imaginavam que seria por causa das revoltas contra o regime ditatorial nos países do Oriente Médio, que começou no final de 2010. Os jovens visionários coordenaram tudo através do Google e do Facebook e assim se geraram os protestos que pediam reformas em toda a região. Os governantes despóticos logo foram expulsos. Todos saudaram a Primavera Árabe. Sem dúvida a liberdade e a democracia estavam a caminho.

Como o Ocidente, incluindo o governo dos Estados Unidos, incentivou os levantes e as deposições, algumas vozes interessadas advertiram sobre as revoltas capacitarem as forças islâmicas. Mas isso foi posto de lado, juntamente com o temor islamofóbico. Tudo parecia um céu de brigadeiro.

Assim, após a deposição do presidente Hosni Mubarak no Egito, em fevereiro 2011, tudo veio como uma onda de choque para milhões de pessoas que lotaram a Praça Tahrir, no Cairo, onde os protestos haviam ocorrido; ninguém atentava para o jovem executivo do Google, Wael Ghonim, quem pela mídia ocidental impulsionava os modernistas e progressistas a seguir com os levantes. Ele nem sequer tinha permissão para tomar parte nisso.

Em vez disso, as multidões se apertavam para aplaudir o maior jurista da Irmandade Muçulmana, o xeque Yusuf al-Qaradawi,

considerado por muitos como o mais influente clérigo muçulmano sunita do mundo. Apenas dois anos antes, este renomado estudioso inválido havia dito a milhões pela TV al-Jazeera: “A única coisa que eu espero é que, à medida que minha vida se aproxima do fim, Deus me dê uma oportunidade de ir para a terra da jihad e da resistência, mesmo em uma cadeira de rodas. Eu gostaria de atirar nos inimigos de Alá, os judeus, e que eles joguem uma bomba em mim, para assim eu encerrar a minha vida como um mártir”.

Mas este, os comentaristas ocidentais asseguram, não era um sentimento generalizado. Mas o que aconteceu é que a Irmandade Muçulmana subiu ao poder no Egito, com um desejo declarado de instituir completamente a sharia (lei e jurisprudência islâmica) e falando em acabar com o tratado de paz com Israel. E os salafistas, que muitos entendem que seguem uma interpretação ainda mais extrema do islamismo, também tiveram uma grande porcentagem de votos. Resultados semelhantes foram vistos em outros países muçulmanos, onde ocorreram as revoltas.

Os líderes militares egípcios tentaram marginalizar o novo presidente do país da Irmandade Muçulmana, Mohamed Morsi, mas com grande apoio popular, ele conseguiu ludibriar eles, forçar a demissão deles e assumir o controle do processo político. A figura da oposição, Mohamed ElBaradei, reclamou que Morsi “usurpou

todos os poderes do Estado e nomeou a si mesmo como o novo faraó do Egito”.

Ao fim de 2012 Morsi conseguiu estabelecer uma constituição baseada na lei islâmica, através dum referendo popular. No entanto, personagens ocidentais influentes e governos continuaram insistindo que não havia motivo para alarme—afirmando que os partidos eleitos e a maioria da população nas diversas nações são realmente moderados.

O grande risco do fervor revolucionário se espalhar

Em setembro de 2012, novas erupções de protestos e revoltas eclodiram por todo o mundo árabe e muçulmano—desta vez contra os Estados Unidos, sob o pretexto de defender o Islã contra um filme, obscuro e amador que retratava Maomé, que foi feito nos Estados Unidos.

Enquanto o filme certamente estava sendo usado para inflamar ainda mais as paixões, parece que muitos dos protestos haviam sido planejados com antecedência, sem ter relação com esse incitamento, para coincidirem com o aniversário dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque e Washington. Porém, estes não foram meros protestos porque as embaixadas norte-americanas foram atacadas e o embaixador dos Estados Unidos na Líbia e outros funcionários foram assassinados por terroristas.

Espantosamente, agora parece que foram



os Estados Unidos quem armou os terroristas na Líbia e até a Al-Qaeda. O objetivo inicial era depor Muammar Gaddafi, mas os combatentes revolucionários têm usado as armas—e agravado por muitos mais que tinham estado debaixo do controle das forças de Gaddafi—para espalhar um levante armado para outros países. Algumas armas foram distribuídas para os países próximos, Mali e Argélia, possibilitando os recentes ataques terroristas lá, enquanto outras acabaram sendo contrabandeadas para mais longe, para o Hamas em Gaza e, em grandes quantidades, para as forças islâmicas na Síria.

E por falar da Síria, o presidente Bashar al-Assad não se rendeu aos levantes islâmicos e uma guerra civil eclodiu, com mais de 60.000 pessoas mortas e mais de 500.000 refugiados nos países vizinhos. A Síria se tornou um local de reunião para os novos “combatentes da liberdade” islâmicos provenientes de várias nações—inclusive do Iraque, onde previamente lutavam contra as forças norte-americanas.

Enquanto o governo de Assad representa a tirania, sem dúvida, um governo islâmico provavelmente seria ainda mais totalitário—controlando os pormenores da vida de cada pessoa. E seria pior especialmente para os cristãos sírios, que tinham na maioria, suas práticas religiosas toleradas e até tinham proteção sob o governo de Assad.

Egito—um perigo crescente para minorias não muçulmanas

No Egito, a situação está se deteriorando perigosamente para os cristãos. Dezenas deles foram mortos e centenas feridos quando os soldados abriram fogo contra milhares de cristãos durante um protesto em outubro de 2011. Pouco antes do referendo sobre a nova Constituição de dezembro de 2012, uma figura de longa data da Irmandade Muçulmana e pregador popular, Safwat Hegazy, se pôs perante multidões de muçulmanos advertindo sobre os cristãos coptas do país:

“Uma mensagem para a igreja do Egito, de um muçulmano egípcio: Eu digo à igreja—por Alá, e, novamente, por Alá—se você conspirar e se unir com os restos [da oposição] para derrubar Morsi, aí será outra história . . . Nós dizemos e eu digo à Igreja: sim, você compartilha esse país conosco; mas existem linhas vermelhas,

e nossa linha vermelha é a legitimidade do Dr. Muhammad Morsi. Quem espirrar água nela, nós faremos espirrar sangue nele”.

Em resposta, a sua entusiasmada plateia muçulmana repetidamente gritava “*Allahu Akbar!*”—ditado comum que significa “Alá é grande”, mas realmente significando “Alá é o maior”—isto é, maior do que todos os outros deuses e todas as forças que estão contra a propagação do islamismo.

Após a nova Constituição egípcia ter sido assinada em 26 de dezembro, o líder da Igreja copta do país afirmou que “a orientação religiosa desta constituição prepara o caminho para um califado islâmico”—isto é, um império sob o domínio islâmico com intenções de dominar o mundo.

Outros críticos da nova Constituição notaram que ela tinha acabado com a proibição da escravidão—proposta à luz dos fatos de que o rapto, a escravidão, o estupro e o tráfico de meninas cristãs coptas tem sido maior agora do que em qualquer época, sendo permitida aos islamistas tal escravidão. Os salafistas envolvidos na elaboração da Constituição se opuseram a qualquer menção de tráfico de seres humanos, afirmando que esses problemas não existiam no Egito, apesar de todas as evidências. Na realidade, *elas são os que estão mais associados a esses problemas*.

Quando a oposição pediu que essa nova constituição fosse engavetada, o Secretário Geral da Irmandade Muçulmana, Mahmoud Hussein, disse: “Esse tipo de conversa é punível por lei, porque a Constituição foi aprovada em um processo justo”.

Ah, a primavera! Você está sentindo o cheiro das flores?

A triste realidade, como muitos analistas têm reconhecido desde o começo, é que *não houve Primavera Árabe*—e que o que estamos vendo é *um inverno islâmico* se estabelecendo em todo o Oriente Médio. E tudo isso tem sido estimulado pelo Ocidente. É importante que entendamos o que está acontecendo na região—e para onde isso se dirige.

O fator chave entre o povo—o islamismo

É claro que os principais beneficiários das revoltas árabes são os partidários da supremacia islâmica—particularmente a Irmandade Muçulmana, mas também

outros grupos. Isto é, sobretudo verdadeiro no Egito, “a mãe do mundo árabe” e mais populoso país árabe, que influencia fortemente a direção do resto do mundo islâmico.

Nas eleições parlamentares do Egito, a Irmandade gabou-se de metade dos votos. Alguns tentam mostrar que isso soa como uma vitória magra. Mas o voto islâmico foi dividido com os salafistas, que conseguiram mais de um terço dos votos—o que significa que juntos, eles receberam um voto enorme de 75 por cento. O referendo mais recente de dezembro de 2012 aprovou uma constituição baseada na sharia, com um percentual de aprovação de 64 por cento. Como isso pôde acontecer?

Em seu recente livro *A Febre da Primavera: A Ilusão da Democracia Islâmica*, Andrew McCarthy, ex-assistente do Procurador dos Estados Unidos, que liderou a acusação dos bombistas do World Trade Center em 1993 e de outros terroristas, explica:

“Para entender a ‘Primavera Árabe’, é preciso antes de tudo entender que o fator chave entre o povo nos países árabes—assim como na Turquia, Irã, Paquistão, Afeganistão e outros territórios vizinhos não árabes—é o islamismo. Não é a pobreza, o analfabetismo, ou a falta de instituições democráticas modernas”.

“Estes aspectos, como o antisemitismo, o antiamericanismo e uma propensão insular para aceitarem teorias da conspiração com seus vilões infiéis, são... *consequências* do domínio regional islâmico e das suas ambições de supremacia. E isso *não faz* com que o povo se volte para o Islã. Uma pessoa não precisa ser guiada para o que é parte da sua existência . . . [E] em sua terra natal, o islamismo de modo algum é ‘moderado’” (2013, páginas 4-5, grifo no original).

Isso é especialmente verdade no Egito, de onde Michael Totten escreveu para a revista *Assuntos Internacionais*: “Quase toda mulher que sai em público usa um lenço na cabeça. Em apenas um único dia, eu tenho visto mais homens com machucados nas testas, por bater a cabeça no chão durante a oração, do que já vi em todos os outros países de maioria muçulmana juntos em quase uma década.

“O país é, como posso dizer, o lugar mais islamizado do mundo, depois da Arábia Saudita. Tinha tido uma orientação

para o Mediterrâneo . . . mas isso era mais do que metade dum século atrás” (“Primavera Árabe ou Inverno Islâmico?” Janeiro-Fevereiro de 2012).

Outro analista assinala: “Muitos egípcios votaram segundo a orientação dos líderes das mesquitas locais, selecionando os pictogramas das cédulas (aproximadamente trinta por cento dos egípcios são analfabetos)” (James Phillips, “A Primavera Árabe Descamba Para O Inverno Islâmico”, A Fundação Herança, 20 de dezembro de 2012). É claro que até mesmo as pessoas cultas também seguiram os imãs.

Os grupos islâmicos aproveitam o momento

A repressão da dissidência pela ditadura árabe tem contribuído para o problema. Enquanto que qualquer tipo de reformista secular fosse esmagado, como foi o pensamento livre na educação, os ditadores ainda tinham que prestar homenagem insincera ao islamismo e permitiam que prosperasse. E os islâmicos estavam muito envolvidos nas mesquitas e nas instituições de caridade—proporcionado-lhes uma estrutura organizacional onde pudessem agir.

Quando as revoltas aconteceram, os islâmicos aproveitaram o momento e rapidamente partiram para a ação. Os secularistas, por outro lado, não estavam prontos para mobilizarem a opinião pública em ação política e logo foram postos de lado.

Então, por que a vitória islamita nas eleições democráticas seria alguma surpresa? Esta região não é um ambiente propício à liberdade orientada por um governo autônomo. McCarthy observa: “O Ocidente moderno é obcecado por política e direito. Estamos hipnotizados, em particular, por seus aspectos processuais: as eleições populares, a constituição escrita e coisas semelhantes” (p. 3).

No entanto, ele assinala, que foi uma cultura orientada à liberdade nos primórdios dos Estados Unidos, que deu origem ao nosso governo limitado—e não ao contrário. Precisamos olhar para além dos processos para considerar o tipo de pessoas que os processos vão estabelecer em posições de poder.

Devemos considerar especialmente o principal beneficiário da Primavera Árabe, a Irmandade Muçulmana, que muitos tentam retratar como moderada. (Por mais detalhes, não deixe de ler “Um olhar mais

atento Para a Irmandade Muçulmana” na página 7).

Certamente ela não é moderada, apesar do jogo de palavras

Alguns tentam fazer uma distinção entre a popular Irmandade Muçulmana e os salafistas (que obtiveram um quarto dos votos na eleição egípcia) como um contraste entre inovadores moderados e fundamentalistas estritos.

Em um artigo na revista *National Review*, McCarthy diz: “Bobagem! A Irmandade Muçulmana é salafistas . . . A Irmandade segue rigorosamente a ideologia salafista de seu fundador, Hassan al-Banna . . . que busca trazer de volta o islamismo de Maomé e as primeiras gerações de muçulmanos—os *Salafiyah* (um termo deriva-



“Jerusalém é a nossa meta. Vamos orar em Jerusalém ou morrer como mártires em seu limiar” — Presidente egípto Mohamed Morsi quando ainda estava concorrendo para seu posto.

do de *al-Salaf al-Salih*, os Companheiros Justos: Maomé e os primeiros califas ‘bem orientados’).

“Este é o islamismo que a Irmandade pretende impor ao mundo, através da implantação de um sistema jurídico e político islâmico, a sharia. O objetivo dos salafistas é ‘compartilhado’ com a Irmandade precisamente porque ela e os salafistas são um só, como sugere seu pacto eleitoral recém-anunciado” (“Uma Estação Doente”, 14 de Maio de 2011).

Até certo ponto, isso é parte da estratégia de proliferação de organizações para camuflar as intenções comuns. Isso faz parecer que há muitos grupos concorrentes para escolher, mas que não é verdade, e dão a impressão de apoiar determinadas questões através de um espectro amplo e diversificado.

Esse mesmo tipo de propagação de organizações tem sido uma estratégia de partidos de esquerda—grupos com diferentes nomes, mas todos trabalhando e, muitas vezes cooperando, para os mesmos objetivos. Então, por outro lado, é possível que exista alguma diferença entre os salafistas em termos táticos. Geralmente, a Irmandade tem sido mais cautelosa em suas declarações e ações do que outros—trabalhando para se infiltrar completamente na sociedade antes de recorrer muito rapidamente à violência, o que poderia causar uma reação adversa.

No entanto, não devemos imaginar que a Irmandade renunciou à violência. Afinal, o braço palestino da organização é o grupo terrorista Hamas, que está por trás de milhares de ataques contra Israel.



Nem tem a Irmandade, moderado suas metas de supremacia islâmica, nos últimos anos. Ainda proclama abertamente seu lema que remonta há mais de oitenta anos: “Alá é nosso objetivo. O Profeta [Maomé] é o nosso líder. O Corão é a nossa lei. A jihad é o nosso método. A morte no caminho para Alá é a nossa maior esperança. *Allahu Akbar! Allahu Akbar!*”.

A duplicidade em renunciar ao terrorismo

Mas a irmandade não condena o terrorismo? Sim, mas geralmente é quando criticam Israel e o Ocidente. Precisamos entender o uso desses termos.

McCarthy afirma em *A Febre da Primavera*: “Para um islamita, o ‘terrorismo’ envolve a injustificável (sob a sharia) matança de muçulmanos. Porém, matar a



inimigos não muçulmanos nunca é terrorismo, isso é ‘resistência’. Para agradar aos crédulos líderes ocidentais, os Islâmicos enganosos relutantemente . . . condenam os ataques terroristas contra alvos civis (por exemplo, contra o World Trade Center) no Ocidente. Mas isso é porque eles arrazoam que a violência indiscriminada também pode matar cidadãos muçulmanos [e poderia causar graves retrocessos na difusão do islamismo] . . .

“A Irmandade não tem nenhum problema em afirmar que condena o ‘terrorismo’. O problema é que isso não significa o que você pensa que ouviu. Mais uma vez, eles não se julgam por seus padrões. Eles agem de acordo com os conceitos islâmicos da *taqiyya* (estratégia de mentir para os infiéis) e seu derivado próximo, a *tawriya* . . . [ou] ‘mentira criativa’: uma verdade literal pela qual o orador engana um ouvinte que ele sabe ser ignorante dos fatos básicos e dos pressupostos” (páginas 57-58).

Assim é até mesmo com a nomeação dos partidos políticos da Irmandade. No Egito, o Partido da Liberdade e Justiça vem seguido do Partido da Justiça e do Desenvolvimento da Turquia. Enquanto tais nomes são bem vistos pelos defensores ocidentais da democracia, eles significam algo diferente para os islâmicos.

Para eles, a “liberdade” se encontra na submissão à autoridade do islamismo. E “justiça” significa todo o sistema da sharia. Um dos mais famosos tratos de Sayyid Qutb, um dos primeiros líderes da Irmandade, é a *Justiça Social no islamismo*. Da mesma forma, o partido da Irmandade Muçulmana na Tunísia se chama Ennahda ou ‘Renascimento’—referindo-se à sociedade sendo guiada pelo islamismo.

Os sentimentos do novo presidente do Egito

As declarações e ações do novo presidente do Egito, Mohamed Morsi, deve deixar claro que a agenda da Irmandade Muçulmana não foi enfraquecida. Ele prometeu que a nova Constituição do Egito seria representada sob esta orientação: “A sharia, depois a sharia, e, finalmente, a sharia”. E ele fez disso uma promessa.

Além de seguir com seu compromisso de pressionar os Estados Unidos para libertar o Xeique Cego (Omar Abdel-Rahman, o líder espiritual por trás dos atentados ao World Trade Center, em 1993) e outros ter-

roristas, Morsi libertou centenas de presos políticos no Egito, inclusive dezenas de líderes terroristas.

Além disso, tem a questão de Israel. Antes de se tornar presidente, em 23 de setembro de 2010, numa entrevista em vídeo postado no Blog Ikhwan da Irmandade, Morsi chamou as negociações israelo-palestinas um desperdício de tempo, afirmando: “Ou [você aceita] os sionistas e tudo o que eles querem, ou então a guerra. Isto é o que esses invasores da terra da Palestina conhecem—esses sanguessugas, que atacam os palestinos, estes senhores da guerra, esses descendentes de macacos e porcos . . . Devemos empregar todas as formas de resistência contra eles.

“Deveria haver resistência militar dentro da Palestina contra os criminosos sionistas . . . [E] isto deveria ser a prática comum dos muçulmanos e árabes fora da Palestina. Eles devem apoiar os combatentes da resistência e sitiar os sionistas, onde quer que estejam . . . Todos nós devemos entender que a resistência é a única maneira de libertar a terra da Palestina” (postada em MEMRI, 4 de janeiro de 2013).

Quando ele estava concorrendo para presidente, Morsi e os líderes da Irmandade assentiram com a cabeça concordando em um comício com o que Safwat Hegazy, o mesmo pregador que ameaçou os cristãos coptas, disse a milhares de pessoas:

“Nós vemos que o sonho do califado islâmico está sendo realizado pelo Dr. Mohamed Morsi, se [Alá] quiser . . . A capital do califado—a capital dos Estados Unidos dos Árabes—será Jerusalém, se [Alá] quiser”. Quando subiu ao palanque, Morsi afirmou: “Sim, Jerusalém é a nossa meta. Vamos orar em Jerusalém ou morrer como mártires em seu limiar” (“Egito islâmico Promete Um Califado Global em Jerusalém”, *The Jerusalem Post*, 8 de maio de 2012).

Apesar de tudo isso, alguns ainda sustentam que Morsi governará como um moderado. Mas por que deveríamos esperar isso? Eric Trager escreve no jornal *A Nova República*: “A biografia política de Morsi sugere que ele não é um conciliador. Antes da revolta [em 2011] e seu surgimento posterior como o primeiro presidente civil do Egito, Morsi era o executor-chefe interno da Irmandade Muçulmana no Escritório de Orientação, direcionando a organização em um sentido ideologicamente mais radical enquanto expulsou indivíduos da

Irmandade que não concordavam com sua abordagem” (“Por que Morsi Não Vai Voltar Atrás? Veja Seu Currículo”, 30 de novembro de 2012).

Como a Bíblia pergunta retoricamente em Jeremias 13:23: “Pode o etíope mudar a sua pele ou o leopardo as suas manchas?” Não devemos esperar que as pessoas mudem radicalmente o que são—certamente não sem nenhuma conversão clara.

Previsão sombria para o futuro

Então, onde está o calor da primavera em tudo isso? Sim, muitos milhões na região certamente estão entusiasmados com o que aconteceu—principalmente aqueles que querem ver o mundo dominado pelo islamismo e subserviente à sharia. E quanto àqueles que realmente defendem verdadeira liberdade na região? Esses não estão assim tanto.

Mais uma vez, como deve ser absolutamente claro, nunca houve uma Primavera Árabe—somente um inverno rigoroso que está ficando cada vez mais frio. O Egito é o barômetro do mundo árabe. E a grandiosa evidência mostra que agora está numa direção decisivamente islâmica. Na verdade, ele e os países muçulmanos em toda a região parecem estar em uma marcha inexorável para reviver o califado islâmico.

É claro, há muito mais a dizer sobre o que vem ocorrendo. O Egito está seguindo o caminho que também foi trilhado por outros países. O que isso indica sobre o futuro iminente do Egito? O califado realmente está em ascensão? E o que a Bíblia diz que vai acontecer? Para continuar examinando, certifique-se de ler o artigo anexo “Será Que O Mundo Verá Um Novo Califado?” que começa na página 8. **BN**

Para Saber mais

O Oriente Médio é uma região crucial do mundo. O berço das três maiores religiões monoteístas—o cristianismo, o judaísmo e o islamismo—e também é a fonte de grande parte do sangue da economia mundial, o petróleo. Porque há tanta confusão nessa esta região? Aonde isso vai levar? Não deixe de ler o nosso livro gratuito *O Oriente*



www.revistaboanova.org

Um Olhar Mais Atento Sobre A Irmandade Muçulmana

É importante prestar atenção à organização, que tem avançado significativamente por causa das revoltas árabes—*al-Ikhwān al-Muslimun*, a Irmandade Muçulmana, o padrinho de todos os grupos de supremacia islâmica. Com partidos políticos e organizações sociais representadas em todas as nações muçulmanas e muitos canais de divulgação em vários países ocidentais, a Irmandade é vista por muitos no Ocidente como uma associação moderada e pacífica.

“No entanto”, observa Steven Simpson no jornal *Imprensa Livre do Canadá*, “se procurarmos a realidade e a clareza (ao contrário da atual administração norte-americana, que insensatamente se envolve com a Irmandade e a vê como ‘moderada’), veremos que a Irmandade é um violento movimento fascista que busca a dominação islâmica global. Na verdade, é a falange e a égide de todos os grupos islâmicos que surgiram em todo o mundo muçulmano. Sem dúvida, não é nada mais que uma hidra islâmica e um inimigo implacável do Ocidente, de Israel e de todos os não muçulmanos” (“Por que a Primavera Árabe Descambará para a Era do Gelo Islâmico”, 16 de abril de 2012).

A Irmandade Muçulmana foi fundada no Egito em 1928 por um professor e imã chamado, Hassan al-Banna, que desejava o renascimento do califado islâmico. O califado—a comunidade internacional de fiéis muçulmanos liderados por um *califa*, um sucessor de Maomé—tinha sucumbido com a derrota do Império Otomano no final da Primeira Guerra Mundial e com a influência modernizadora de Kemal Atatürk, que com grande dificuldade transformou a Turquia num Estado secular.

Al-Banna foi morto em 1949 e a Irmandade foi banida do Egito, pouco antes de tudo isso, mas que continuaria operando—guiado pelo principal discípulo de al-Banna, Sayyid Qutb, que tinha sido um burocrata do Ministério de Educação do Egito.

Nas palavras do ex-Procurador Geral dos Estados Unidos, Michael Mukasey: “Qutb causou problemas suficientes no Egito para ser premiado com uma bolsa de estudo no estrangeiro em 1948 . . . Infelizmente para nós, Qutb escolheu viajar para Greeley, Colorado. E embora seja difícil imaginar um lugar pós-Segunda Guerra Mundial mais inofensivo do que Greeley, Colorado, mas para um homem como Qutb era como Sodoma e Gomorra. Ele odiava tudo o que via: o corte de cabelo dos norte-americanos, o entusiasmo pelo esporte, o jazz, e a isso ele chamou de ‘mistura animal de sexos’, e até mesmo a igreja.

“Sua conclusão foi de que os norte-americanos

estavam ‘entorpecidos pela fé na arte, na religião e em todos os valores espirituais”, e que os muçulmanos devem considerar ‘o homem branco, europeu ou norte-norte-americano . . . [como] o nosso primeiro inimigo’ . . . [Mais tarde] continuou escrevendo e agitando o Islamismo contra a civilização ocidental, particularmente contra os judeus, a quem culpou pelo materialismo ateu e considerando-os como os piores inimigos dos muçulmanos” (“O Poder Executivo em Tempo de Guerra”, *Imprimis*, outubro de 2011).

Depois, Qutb se tornou um membro líder da Irmandade Muçulmana e acabou enforcado no Egito, em 1966. Mas seu irmão Muhammad Qutb fugiu com outros membros da Irmandade para a Arábia Saudita e, eventualmente, ensinava a ideologia Sayyid



Fundador Hassan al-Banna e Sayyid Qutb seu discípulo
oder Hassan al-Banna and his disciple Sayyid Qutb

A Irmandade Muçulmana foi fundada no Egito em 1928 por um professor e imã chamado, Hassan al-Banna, que desejava o renascimento do califado islâmico.

a personagens, que eram nessa altura obscuras, como Osama bin Laden e seu braço direito Ayman al-Zawahiri, o líder da Al-Qaeda desde a morte de bin Laden. Muitas vezes, esses personagens da Al-Qaeda e seus seguidores são referidos como Qutbistas.

Outro seguidor dos escritos de Sayyid Qutb foi Omar Abdel-Rahman, geralmente chamado de o “Xeique Cego”, conselheiro espiritual dos terroristas do atentado ao World Trade Center, em 1993, que está cumprindo uma sentença de prisão perpétua nos Estados Unidos. Bin Laden e al-Zawahiri pediram a sua libertação antes do ataque da Al-Qaeda ao encouraçado *USS Cole* no Iêmen, em 2000. E eles confiaram na chamada fatwa de Abdel-Rahman para o assassinato em massa de



Será Que O Mundo Verá Um Novo Califado?

O que será que vai acontecer quando os islamitas assumirem a responsabilidade das nas nações das revoltas árabes? A Turquia e outras experiências da democracia muçulmana nos dão algum precedente. E no horizonte paira o sonho islâmico—um império restaurado do islamismo. O que isso significa para o futuro do Oriente Médio e do mundo? por Tom Robinson

Em vez de uma Primavera Árabe orientada pela liberdade, como saudaram os felizes entusiastas diante dos ditadores depostos, o Oriente Médio, na verdade, está sendo assolado por um inverno profundamente islâmico. (Veja o artigo “Aviso de Inverno: A Primavera Árabe Que Não Vingou” na página 3. Esse artigo é um prólogo, de modo que você talvez queira lê-lo primeiro).

É claro, o governo islâmico tem uma longa história no Oriente Médio, remontado a Maomé, fundador do islamismo, no século VII. Ele deu o exemplo de como espalhar sua nova religião pela espada, tomando o controle de toda a Península Arábica, no espaço de dez anos (622-632).

Depois de sua morte, ele foi seguido por outros governantes chamados de califas, da palavra *khalifah*, que significa “sucessor” (de Maomé) ou “representante” (de Alá para a humanidade). E domínio do califa era conhecido como califado (do árabe *khalifa* e do turco *Hilafet*). Sob o califa, o domínio era exercido por uma hierarquia religiosa que seguia a lei e a jurisprudência islâmica—a sharia.

Após os quatro primeiros Rashidun ou califas ‘bem orientados’, o califado passou a dinastias de governantes. Os Umayyads (séculos VII a VIII) e os Abássidas (séculos VIII a XIII), que por sua vez, governaram o território que se estende da Espanha até à Índia. E seus rivais, os xiitas fatímidas rivais (séculos X a XII) que controlaram grande parte desse território por um tempo.

Após as invasões mongóis do oriente no século XIII, o califado realmente deixou de governar. Mas foi revivido sob os turcos otomanos, quando assumiram o controle da maior parte das terras árabes (séculos XVI ao XX).

Após a queda do Império Otomano, no final da Primeira Guerra Mundial, Kemal Atatürk impôs um estado laico na Turquia e arrastou-a para a esfera ocidental. Vários reis e ditadores tomaram o governo dos estados árabes. Estes permitiram os prin-



cípios da sharia como parte da lei nacional em diferentes graus, mas muito longe de satisfazer a maioria dos muçulmanos da região. E, em todo caso, eles falharam em unir-se em uma única *ummah* (comunidade) sob um único califa.

O sonho da restauração do califado

Desde a queda do império Otomano, muitos islâmicos devotos têm sonhado em restabelecer o califado. Um desses sonhadores era o egípcio al-Hassan Bannah, que em 1928 fundou a Irmandade Muçulmana, a organização que mais foi beneficiada com as revoltas da Primavera Árabe. A restauração do califado continua sendo o objetivo da Irmandade.

Além disso, o califado tem sido um tema recorrente nos recentes discursos de líderes islâmicos. Como apontado no artigo anexo sobre a Primavera Árabe, um célebre pregador da Irmandade afirmou que a eleição de Mohamed Morsi como presidente do Egito foi o prelúdio de um califado islâmico—a vinda dos Estados Unidos dos Árabes, sendo Jerusalém sua capital. E Morsi reconheceu então que, de fato, o objetivo era conquistar Jerusalém.

No entanto, muitos no Ocidente não conseguem imaginar que tal retórica seja séria. Eles não vão mesmo aceitar que Morsi governaria como um extremista islâmico, apesar de ter aprovado uma cons-

tituição baseada na sharia, confiantes de que ele estará em conformidade com a política egípcia, como de costume dentro da realidade de governo.

O ex-procurador federal dos Estados Unidos, Andrew C. McCarthy, comenta sobre essa noção em seu recente livro *A Febre da Primavera: A Ilusão da Democracia Islâmica*:

“Depois, existe os eternos otimistas que tentam se passar por obstinados pragmáticos. A teoria deles é que governar fará com o governante preste contas ao povo e, conseqüentemente, as responsabilidades práticas dos órgãos para os quais foram eleitos vão domar os políticos islâmicos. Eles vão evoluir, percebendo que a sharia, o antissemitismo e a animosidade antiocidental não são compatíveis com o funcionamento de um governo no mundo moderno. Governar irá transformá-los em moderados . . .

“[Mas] o Irã tem ficado mais moderado nos últimos trinta anos? A eleição do Hamas em Gaza tem . . . ajudado a essa organização terrorista evoluir? . . . A eleição de defensores da supremacia islâmica na Turquia levou aquele país ao extremismo, e não para longe dele” (2013, p. 19).

Na verdade, a Turquia e outras recentes democracias experimentais no mundo muçulmano nos dão indicações da evolução que se seguirá às eleições de islâmicos ao poder em nações árabes. Além disso,



como veremos a seguir, a profecia bíblica também mostra onde os eventos se seguirão. Será que isso terminará em um califado restaurado? Ou será que, finalmente, a liberdade virá para o Oriente Médio?

“O modelo turco”

Devemos prestar atenção à Turquia, que é vista por muitos no Ocidente como um modelo para o mundo árabe—“a Estrada de Tijolos Amarelos a caminho da cintilante Oz da democracia islâmica” (p. 75). O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, estima sua amizade com o primeiro-ministro turco, Recep Tayyip Erdogan—sua contraparte no Oriente Médio, a quem ele recorre para ser assessorado em questões regionais, incluindo a Primavera Árabe.

O problema em ver a Turquia como tal modelo é que a sua tradição de democracia não tem nada a ver com o islamismo. Mas justamente o contrário, Kemal Ataturk fez da Turquia um estado secular, embora a população se mantivesse predominantemente muçulmana.

Erdogan, por outro lado, é um islâmico—“um irmão muçulmano que mergulhou profundamente nas lições do mestre, Hassan al-Banna” (p. 2). Desde que se tornou primeiro-ministro em 2003, um ano após seu islâmico “Partido da Justiça e Desenvolvimento” (AKP na sigla turca) ter chegado ao poder, Erdogan levou a Turquia para longe da democracia.

Para os ocidentais e secularistas preocupados no seu próprio país, às vezes, Erdogan se apresentava como defensor do secularismo enquanto permitia a livre expressão do islamismo na esfera pública. Mas este é um homem que, em 1998, quatro anos antes da criação de seu partido, disse: “A democracia é apenas o trem no qual embarcamos para chegar ao nosso destino”.

E que destino é esse? Talvez as palavras que ele disse em seguida deem uma pista: “As mesquitas são os nossos quartéis, os minaretes [torres das mesquitas] nossas baionetas, os domos [cúpulas das mesquitas] nossos capacetes e os fiéis nossos soldados”.

É claro que trazer de volta a Turquia para o campo islâmico não tem sido uma

tarefa rápida—embora tenha provado ser muito mais fácil do que foi para Ataturk impor o secularismo. Foi uma divisão dos partidos não religiosos da Turquia que permitiram que o AKP controlasse o parlamento com apenas um terço do voto popular. No entanto, na década seguinte, Erdogan conseguiu fazer várias vezes sua jogada política e, finalmente, alcançou o “estado profundo” kemalista, o santuário interior dos funcionários do Estado, com o apoio militar que há muito tempo mantinha a ordem secular contra a incursão islâmica.

A paulatina incursão islâmica na Turquia

Então, como está a Turquia hoje? Erdogan tem focado em promover os princípios islâmicos na educação, seu partido AKP está agindo para estabelecer muitas

A Turquia agora é classificada como o pior carcereiro de jornalistas do mundo—com prisões indiscriminadas, alguns foram condenados a 166 anos de prisão. E definitivamente as coisas têm piorado para as mulheres no país, sob a repressão da sharia:

“Como um desastre feminino, a taxa de assassinatos de mulheres subiu para 1400 por cento. Em 2002, quando o AKP foi eleito pela primeira vez, havia apenas 66 casos reportados de ‘matar por honra’—assassinatos de mulheres e meninas pelas mãos de membros da família que se consideram envergonhados quando as normas da sharia eram violadas. Apenas nos primeiros sete meses de 2009, o número já era de 953” (p. 83).

Em matéria de política externa, Erdogan cortou os antigos laços com Israel,



novas universidades com líderes islâmicos—parte de um esforço para reformular a cultura.

Além disso, McCarthy comenta: “O primeiro-ministro também tem procurado diminuir a idade para a aposentadoria compulsória em diversas áreas tecnocratas do governo . . . [que] permitiu que os islamitas removessem milhares de funcionários de seus cargos—including mais de 40 por cento dos nove mil magistrados da república.

“Em seu lugar, foram investidos adeptos da ideologia islâmica do AKP. Entretanto, para degradar ainda mais o papel vital do poder Judiciário na defesa da ordem secular, Erdogan recusou-se a cumprir as decisões judiciais e ameaçou abolir a Suprema Corte, um componente vital do ‘estado profundo’” (p. 80).

acusando os israelenses de terrorismo de Estado. Enquanto isso, ele abraçou o Irã (como fez Morsi, presidente do Egito). E o líder turco se ofereceu como testemunha para o presidente sudanês, Omar al-Bashir, acusado de crimes de guerra internacionais por causa de sua campanha de limpeza étnica em Darfur—Erdogan afirmou que “um muçulmano nunca pode cometer genocídio”.

Ele até doou da Turquia centenas de milhões de dólares para o governo de Gaza, governado pelo grupo terrorista Hamas. “Isso significa que a Turquia agora está financiando o Hamas. Erdogan tornou seu país de aliado da OTAN a patrocinador do terrorismo” (p. 116).

Então, podemos imaginar um futuro melhor para o Egito e outros países da Primavera Árabe, onde os islâmicos tomaram



o poder? Se tem uma coisa que vai ser muito mais fácil de impor é a lei islâmica nesses países acostumados ao regime autoritário e aos princípios da sharia, do que foi para Erdogan para transformar a Turquia de sua democracia secular, que já durava décadas.

Uma prévia da democracia pelos exemplos iraquianos e afegãos

Talvez o paralelo mais próximo dos países da Primavera Árabe se encontra nos dois países que os Estados Unidos e outras nações ocidentais libertaram do jugo ditatorial e entregaram novas constituições e os processos democráticos. Como foi que isso deu certo?

Estes são agora, como McCarthy aponta, “uma dupla de Estados da sharia hostis aos interesses norte-americanos (o Iraque é um satélite iraniano; o Afeganistão está a beira de ser reconquistado pelo Talibã), caminhando para se juntar à cavalgada regional de jihadistas e islâmicos totalitários, agora eufóricos pela legitimidade soberana graças à subordinação da *cultura* democrática aos *processos* democráticos—como se a eleição do presidente da classe fizesse o terceiro grau uma “democracia” e os valentões no pátio da escola um ‘partido político’” (p. 41, grifo no original).

Apoiado pelos Estados Unidos o presidente afegão, Hamid Karzai chegou a sugerir que o mulá Omar, líder do Taleban anteriormente expulso do poder pela invasão dos Estados Unidos, concorresse à presidência na próxima eleição!

Devemos considerar também a situação dos cristãos. Nos últimos anos, milhares de cristãos foram assassinados no Iraque e outras centenas de milhares fugiram temerosos para outros países.

No Afeganistão, os Estados Unidos, por duas vezes, teve que exercer grande pressão para salvar pessoas que estavam sendo executadas porque queriam se converter do islamismo para o cristianismo—um delas presa sob o pretexto de que não tinha a “mente sã” (por que outra razão uma pessoa abandonaria o islamismo?). No Egito, de acordo com uma pesquisa Pew do ano de 2011, 84 por cento das pessoas querem que se imponha a pena de morte para aqueles que abandonem o islamismo—84%! O percentual é igualmente elevado em outros países muçulmanos.

E que dizer sobre os direitos das mulhe-

res sob a sharia no Afeganistão? “No final de 2011, o gabinete de Karzai anunciou que o presidente havia magnanimamente extinta a pena de prisão de doze anos de serviço de uma mulher de dezenove anos de idade, que foi imposta por um tribunal afegão depois de ter sido condenada por . . . ter relações sexuais fora do casamento . . . com um parente que a tinha estuprado. O perdão de Karzai tinha alguma justificativa? A mulher tinha sanado sua indiscrição ao concordar em se casar com o estupro, cujo filho ela deu à luz enquanto estava presa” (p. 47).

Esse é o resultado da democracia em nações onde são maioria aqueles que desejam impor o estado islâmico. E espantosamente o Ocidente, incluindo os Estados Unidos, tem defendido e continua a apoiar este ultraje. (Ver “O Intrigante Apoio Dos Estados Unidos Aos Islâmicos Moderados” na página 11).

O que vem a seguir?

Então, o que podemos esperar de agora em diante? Certamente, as consequências dos levantes árabes ainda estão em curso. Devemos esperar um endurecimento da exigência de se adequar a sharia no Egito, em todo o mundo árabe e em outras nações muçulmanas—e mais garantias enganosas aos líderes ocidentais e aos meios de comunicação de que não há motivo para preocupação.

Também devemos ficar atentos para as insurreições onde a revolução ainda não tenha se estabilizado. Com a Líbia, que foi inundada de armas e, muitas delas agora fluindo para os países vizinhos, agora a Al-Qaeda no norte da África e outros terroristas foram reforçados.

A França interveio no Mali, em janeiro de 2013, para impedir que tomem o controle de todo o país, depois que já haviam invadido grande parte dele. E depois da matança dos reféns no final da crise argelina, o primeiro-ministro britânico, David Cameron, disse que a ameaça islâmica na região exige “uma resposta que levará anos, até mesmo décadas, em vez de meses”.

Além disso, há o perigo do uso de armas químicas por Bashar al-Assad na Síria. No entanto, outros se preocupam com a queda de Assad pelos aliados dos jihadistas, com suas armas químicas e com o resto de seu vasto arsenal caindo em mãos de terroristas.

A revolução islâmica se espalha

E sobre as monarquias árabes, como a Jordânia e a Arábia Saudita? Até agora, elas têm permanecido seguras contra as revoltas árabes. Mas a Irmandade Muçulmana está agitando esses países para difundir a revolução. Vários analistas acreditam que serão os próximos a cair.

Brigitte Gabriel, autor e comentarista de origem libanesa, diz que apesar das afirmações de que astropas norte-americanas de Operações Especiais estão posicionadas na Jordânia, há certa preocupação com o que está acontecendo na Síria, “a verdade é que as nossas operações especiais [soldados] estão posicionadas na Jordânia, para proteger o rei Abdullah, porque agora só tem dois por cento de aprovação em seu país. A maioria das pessoas votaria pela Irmandade Muçulmana se as eleições fossem realizadas na Jordânia hoje” (citado por Chad Groening, “Previsão: A Jordânia Atingida Pela ‘Primavera Árabe’”, OneNewsNow.com, 11 de dezembro de 2012).

Entre os palestinos, parece que está quase havendo uma reaproximação entre as facções rivais do Fatah e do Hamas, mas a aproximação com os judeus de Israel está fora de questão. Alinhados às recentes chamadas da Irmandade Muçulmana no Egito, o juiz islâmico supremo da Autoridade Nacional Palestina, Tayseer Al-Tamimi, disse o seguinte em 31 de dezembro de 2012:

“O califado será restaurado após este governo tirânico [Israel] chegar ao fim. Este já é o começo do fim para a tirania. As revoluções árabes contra a injustiça, a tirania e a opressão vai trazer seu fim e o califado será restaurado. O que estamos vendo no Egito são as dores de parto. A luta entre o islamismo e outros, e contra todas as conspirações que visam parar o trem que já partiu para libertar Jerusalém e para restaurar a lei islâmica. Jerusalém será a capital do califado, é o desejo de Alá” (MEMRI, 7 de janeiro de 2013).

Isto é como um eco das palavras de Erdogan quando falou da democracia como um trem para se chegar ao destino islâmico. E o destino final é realmente um califado restaurado como caminho para conquistar o mundo. Com a velocidade com que as coisas estão indo, talvez o trem não esteja muito longe da estação.

(continua na página 12)

O Intrigante Apoio Dos Estados Unidos Aos Islâmicos Moderados

É importante salientar que existem muçulmanos e não muçulmanos *verdadeiramente* moderados espalhados por todo o Oriente Médio, que desejam as liberdades ocidentais. No entanto, eles são minoria, pouco mais de vinte por cento, estima Andrew McCarthy em seu livro de 2013, *A Febre da Primavera: A Ilusão da Democracia Islâmica*. Mas eles não são os únicos que recebem apoio do Ocidente—mesmo em lugares onde estão em maior número.

Como a Tunísia, por exemplo, que por muito tempo tem sido considerado o mais ocidentalizado dos países árabes. O Movimento da Irmandade Muçulmana Ennahda ou “Partido do Renascimento”, que os meios de comunicação ocidentais erroneamente tratam como moderado, assumiu a liderança do país após a revolução de 2011, mas conquistou apenas 42 por cento do voto

popular. Embora impedido de governar através de coligação com aqueles que não são muçulmanos, o partido ainda insiste na agenda islâmica, a sharia, e está ganhando terreno. Dois

homens foram presos por postar imagens de desenhos animados do profeta Maomé no Facebook.

Em recente entrevista dos *verdadeiramente* moderados que defendem o governo secular, Michael Totten ouviu repetidas reclamações de que eles não recebem apoio dos Estados Unidos: “Os norte-americanos estão com os islamistas. Eles apoiam Ennahda na Tunísia e os Wahhabists na Arábia Saudita. Eu ouvi essa reclamação de cada pessoa secular que entrevistei neste país, sem exceção, de acadêmicos a ativistas democráticos, de jornalistas a professores.

“Eles parecem estar unanimemente chocados, consternados e horrorizados com isso. O assunto vem à tona vez atrás vez na conversa mesmo quando eu pergunto sobre outras coisas. É impossível passar qualquer tempo aqui sem ouvir sobre isso” (“Os Estados Unidos Criticados Pelos Secularistas Da Tunísia Por Apoiar Os Islamitas”, *Assuntos Internacionais*, 21 de março de 2012).

Isso reflete um realinhamento perturbador na política externa dos Estados Unidos. Quando o especialista no Oriente Médio, Walid Phares, de origem libanesa, foi solicitado em uma entrevista recente a expandir sua afirmação de que “todo mundo sabe, em Washington, Obama apoia a Irmandade Muçulmana”, ele ofereceu esta resposta surpreendente:

“Já é hora de se compreender as políticas da administração Obama, as que são públicas e aquelas que são óbvias. Se você comparar as diferentes políticas

da administração Obama sobre as revoltas no Oriente Médio, você verá claramente que o posicionamento de Washington em relação a essas manifestações e protestos é proporcional ao resultado dessas revoltas.

“Quando as crescentes massas são alvo de regimes islâmicos, a posição de Obama é a de abandonar o levante. Quando a revolta acaba numa conquista islâmica, a posição dos Estados Unidos rapidamente é a de ficar do lado dos revolucionários. Estas não são teorias, são realidades mensuráveis.

“Em junho de 2009, quando milhões de iranianos, principalmente jovens (e mulheres) manifestavam contra os aiatolás, o presidente Obama declarou que os Estados Unidos ‘não iriam se intrometer’.

Mas quando as manifestações no Egito explodiram, a posição de Obama evoluiu em duas etapas. Enquanto a juventude e os seculares estavam nas ruas, Washington ficou em cima do muro. Mas, quando a Irmandade Muçulmana entrou com força na Praça Tahrir, o presidente Obama se intrometeu ‘com veemência, pedindo a Mubarak

para renunciar.’

“[O] mesmo cenário ocorreu na Tunísia e na Líbia, e parece estar se repetindo na Síria. Observadores e comentaristas da região, particularmente no Egito, não estão alheios a esta descrição. Essa situação indica claramente e fornece evidências de um alinhamento do governo Obama com a Irmandade Muçulmana. Nos últimos anos, os legisladores norte-americanos vêm alertando que a administração está favorecendo a Irmandade em Washington e buscando a sua influência na segurança nacional e na política externa.

“Bem, desde a Primavera Árabe, e particularmente no ano de 2012 no Egito, esse alinhamento nunca foi tão claro. Ironicamente, a administração Obama nega apoiar a Irmandade, porque o povo norte-americano veria tal posicionamento como antiamericanismo. Isso seria o equivalente a uma parceria norte-americana na década de trinta com o socialismo nacional [nazistas alemães] ou com os fascistas italianos.

“Hoje, nos meios de comunicação árabes, existem centenas de artigos, declarações e painéis expondo e criticando abertamente o apoio da administração Obama aos islâmicos em geral, em particular, a Irmandade” (entrevista com Jennifer Hanin, “Como O Egito Vai Recuperar Seu Cobiçado Status? . . . Parte I”, *Breitbart.com*, 17 de dezembro de 2012).

O próprio McCarthy menciona “as repreensões
(continua na página 12)

Califado (continuado da página 10)

Os indícios da profecia bíblica

A profecia bíblica nos diz, no Salmo 83, que o mundo verá uma confederação de povos do Oriente Médio com a intenção de exterminar Israel—isso, evidentemente, envolve os árabes, os palestinos, os turcos e outros na região.

Do mesmo modo, Daniel 11 fala de um ‘rei do Sul’ no tempo do fim, que vai reacender a antiga luta contra um poder do norte—centrado na Europa desde tempos de Roma—com a terra de Israel no meio. Isso irá provocar uma guerra de retaliação resultando na ocupação europeia de muitas terras do Oriente Médio, inclusive Israel. (Ver “Israel: Uma Nação Em Constante Perigo”, que começa na página 13, para saber mais sobre isso).

A confederação e poder do Sul nessas profecias poderiam muito bem ser um califado islâmico restaurado, que agora parece estar em ascensão—embora este não seja um requisito bíblico específico. A Bíblia menciona apenas o povo e terras envolvidos, e não o governo deles. Mas dado que são e onde estão essas pessoas, o islamismo parece o fator mais provável dessa coesão. Certamente forças poderosas estão em andamento nessa região—e tem sido assim por mais de treze séculos.

Alguns analistas avaliam o futuro próximo vendo a islamização do Oriente Médio como quase inevitável. Diante do fracasso das ditaduras militares, o governo islâmico acena como um ideal promissor para muitos muçulmanos. Parece que essas pessoas terão que viver sob a mão de ferro de seus próprios sistemas, como agora muitos vivem no Irã (embora os islamitas mantenham o controle por lá). No entanto, isso realmente não vai ser suficiente para libertar o povo, pois grande parte do povo não vai reconhecer a sua própria situação, subjugado a um pensamento errado.

O fim do longo inverno

Em 2 de dezembro de 2012, na televisão palestina, a esposa de um membro do parlamento do Hamas comentou com um entrevistador sobre o papel da mulher: “Ela infunde em seus filhos o amor à jihad e o martírio por amor a Alá. Se toda mãe impedisse seu filho de lutar na jihad por amor a Alá, quem iria lutar na jihad? Quem iria apoiar a Palestina?”

“A Palestina é cara para nós, e seu preço sempre é pago com o nosso corpo e nosso sangue . . . Estou constantemente orando:

‘Alá, faça que o fim dos nossos dias seja no martírio’. Eu oro por isso, pelo meu marido e por meus filhos. Nenhum de nós quer morrer em nossas camas. Oramos para que Alá nos conceda o paraíso” (MEMRI).

Isto é desolador e assustador—e devastador para qualquer noção de liberdade no Oriente Médio muçulmano. Como arrazoar ou negociar com esta convicção de milhões de pessoas? Não é racional, mas é o produto da programação geracional e da enganação e influência demoníaca direta numa escala colossal.

O fato é que algo extraordinário e formidável tem que acontecer para extirpar o mal da mente das pessoas e realmente libertá-las. E esteja certo de que isso vai acontecer.

Como a Bíblia diz, um cataclismo inimaginável vai engolir o mundo e as pessoas sofrerão sob a tirania como nunca antes. Então, Isaías 19:20-21 nos diz que o povo do Egito “ao SENHOR clamarão por causa dos opressores, e ele lhes enviará um Redentor e Protetor que os livrará. E o SENHOR se dará a conhecer ao Egito, e os egípcios conhecerão ao SENHOR, naquele dia; sim, eles o adorarão com sacrifícios e ofertas, e farão votos ao SENHOR, e os cumprirão”.

Naquele dia, o Egito finalmente estará em paz com Israel (versículos 24-25). Sim, finalmente Jesus Cristo virá para salvar os egípcios e toda a humanidade—e todos conhecerão ao verdadeiro Deus.

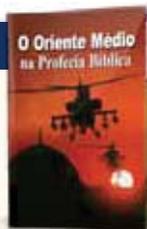
A verdade é que todos têm sido escravos de pensamentos errados em diferentes graus. Naquele dia, o engano vai ser removido e as antigas animosidades cessarão. O diabo e seus asseclas serão banidos e a paz reinará sob o maravilhoso reino de Deus. No final do longo inverno do homem, aguarda a primavera do verdadeiro paraíso de Deus. Que venha rapidamente! **BN**

Para Saber mais

O Oriente Médio é uma importante região do mundo. Porque há tanta confusão nessa região?

Aonde isso vai levar? Será que a profecia bíblica revela o futuro desta terra há muito tempo atormentada? Não deixe de ler o nosso livro gratuito *O Oriente Médio na Profecia Bíblica*.

www.revistaboanova.org



Islâmicos (cont. da página 11)

contundentes dos verdadeiros democratas egípcios ao desempenho de Obama, que se encontra desmoralizado pela relação dos Estados Unidos com os islamistas. Isto, também, refletiu a ascensão islâmica na Turquia: quanto mais Erdogan promoveu abertamente a sharia e a jihad da Irmandade contra Israel, quanto mais Washington se aproximou dele” (p. xiv).

Para ilustrar como coisas bizarras têm acontecido, em junho de 2012 o governo dos Estados Unidos recebeu em Washington uma delegação de novos líderes do Egito, que incluía o novo membro do parlamento Hani Nour Eldin, um membro do Grupo Islâmico—uma organização terrorista liderada pelo presidiário Omar Abdel-Rahman, o xeique cego, líder espiritual por trás dos primeiros ataques de terroristas ao World Trade Center em 1993.

“A Casa Branca e o Departamento de Estado atacaram fortemente a mídia por inquirir sobre como um homem conhecido por ser um membro de uma organização designada formalmente como terrorista poderia conseguir, em primeiro lugar, de um visto para entrar nos Estados Unidos, e, em seguida, um convite para conversar com funcionários da segurança e política externa do nosso governo em Washington” (p. 174). O assunto foi tratado como sem importância já que Nour foi, afinal de contas, eleito democraticamente.

Além disso, há as recentes afirmações da revista egípcia *Rose El-Youssef*, traduzida ao inglês pelo site do Projeto de Investigação Sobre o Terrorismo, de que seis líderes muçulmanos norte-americanos trabalham na administração de Obama como agentes da Irmandade Muçulmana que estão ajudando a moldar as políticas norte-americanas. É claro que, enquanto que isso possa ser, não há nenhuma prova de que alguém precise orientar a administração para onde se encontra hoje.

Além de tudo isso, é fato que, com o rumo do Egito já defini-



Israel:

Uma Nação em Constante Perigo

A hostilidade contra o Estado judeu, rodeado por países inimigos, ameaça ficar completamente fora de controle. Como Jerusalém vai lidar com este antissemitismo declarado? O que a Bíblia revela sobre o destino desta nação vulnerável? **por John Ross Schroeder**

Israel, uma pequena nação democrática, tendo aproximadamente o tamanho do Estado brasileiro do Sergipe, está praticamente cercada por vinte e dois países islâmicos, alguns dos quais têm clamado regularmente por seu completo desaparecimento.

Um exemplo típico de tais declarações é a mais recente expressão de hostilidade aberta de Khaled Meshaal, líder do grupo terrorista Hamas: “A Palestina é nossa do rio ao mar e do sul ao norte. Não haverá concessão de uma polegada de terra. Nós nunca vamos reconhecer a legitimidade da ocupação israelense” (O Observador, 9 de dezembro de 2012). “Desde o rio até o mar” é uma abreviação islâmica característica para o território entre o rio Jordão e o mar Mediterrâneo, o que significa a totalidade da terra de Israel. Não há “solução de dois Estados” lá!

As declarações ainda mais hostis, vêm constantemente da boca do presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, que sempre ameaça Israel com a aniquilação.

Uma surpreendente explosão de hostilidade

O recém-eleito presidente egípcio, Muhammad Morsi, apresentou-se como árbitro do acordo de cessar-fogo entre Israel e o Hamas, que governa Gaza. Enquanto em julho de 2012 ele chamava o presidente israelense, Shimon Peres, de um “grande e bom amigo”, sendo que quando entrevistado na TV libanesa em 2010 ele chamou os israelenses de “sanguessugas” e “descendentes de macacos e porcos”.

O presidente Morsi também defendeu a “resistência militar” dos muçulmanos contra Israel e referiu-se às negociações israelo-palestinas como “um desperdício de tempo”. Além disso, ele declarou com firmeza: “Não há lugar para eles na terra da Palestina”, acrescentando que “[os

judeus] são hostis por natureza—eles têm atizado as chamas da guerra civil seja onde estivessem ao longo da história. Também deve haver resistência política e econômica através de um boicote, bem como apoio aos combatentes da resistência.

“Esta deveria ser a prática dos muçulmanos e árabes fora da Palestina. Não deve ser dada a eles qualquer oportunidade, pois não devem ficar em qualquer terra árabe ou islâmica. Eles devem ser expulsos de nossos países” (A Crônica Judaica, 11 de janeiro de 2013, grifo do editor).

Estes são os pontos de vista do presidente Morsi ou ele estava atuando diante dos libaneses das nações árabes? Ou ele tem atenuado sua abordagem em relação a Israel desde que se tornou chefe de Estado no Egito?

O que revela a Bíblia

A Bíblia continua a ser um livro *atualizado*, sempre comentando sobre os assuntos de hoje com uma impressionante precisão.

Você pode se surpreender ao saber que cerca de três mil anos atrás, o salmista Asafe foi direto ao ponto quando escreveu estas palavras proféticas sobre Israel no tempo do fim: “Porque eis que teus inimigos [de Deus] se alvoçam, e os que te aborrecem levantaram a cabeça. Astutamente formam conselho contra o teu povo e conspiram contra os teus protegidos.

“Disseram: *Vinde, e desarraigemo-los para que não sejam nação*, nem haja mais memória do nome de Israel. Porque à uma se conluiaram; aliaram-se contra ti” (Salmos 83: 2-5).

Ao passo que Israel tem enfrentado a sua quota de inimigos ao longo de sua turbulenta história, esta vívida descrição se aplica ainda mais agora. Hoje, as nações árabes estão parcialmente divididas entre si, mas geralmente concordam em um ponto—o desejo fervoroso de fazer Israel

desaparecer. Atualmente, o grau alarmante de ameaça tem aumentado em todas as suas fronteiras.

Sem dúvida, hoje em dia Israel continua sendo um cumprimento de Ezequiel 5:5: “Assim diz o SENHOR Deus: *Esta é Jerusalém; pu-la no meio das nações e terras que estão ao redor dela*” (ARA). Essa passagem reflete um significado muito mais profundo do que indica seu próprio contexto histórico. Ao longo da história de Israel, Deus sempre entendeu sua frágil posição em um mundo hostil.

Para ter uma visão mais histórica e profética, veja o quadro de acompanhamento intitulado “A Profecia de uma Confederação Árabe”.

Um mundo livre e hostil a Israel

A autora britânica Melanie Phillips, também colunista e colaboradora do jornal *Daily Mail* e colaboradora do jornal *A Crônica Judaica*, concluiu um artigo na internet, em 12 de dezembro, com esta dura declaração sobre a atual condição mundial—especialmente no Ocidente:

“*Você está olhando para o surgimento de uma nova ordem mundial: o eclipse do Ocidente*, provocada pela aliança profana entre o governo Obama e o desejo mortal da Grã-Bretanha e da Europa—deixando Israel, anteriormente conhecido como a frente do Ocidente no Oriente Médio, vir agora a ser conhecido como o defensor solitário e isolado da liberdade diante de uma tempestade islâmica em formação” (“Para dentro do Abismo”).

A Grã-Bretanha e a Europa Ocidental têm um largo histórico de favorecimento aos países árabes em detrimento de Israel. Mas os Estados Unidos têm sido um apoio e um aliado leal deste pequeno Estado democrático. E isso ameaça mudar, talvez mais radicalmente do que poderíamos imaginar.



Onde estão as “Dez Tribos Perdidas” hoje em dia?

Para onde foram as dez tribos nortenhas de Israel após serem levadas ao cativeiro assírio? Elas se tornaram conhecidas pelos historiadores como as “dez tribos perdidas”. O que aconteceu com elas e como se encaixam atualmente com o povo do Estado de Israel?

Vamos considerar o fato de que Israel hoje em dia abrange um território muito maior do que esta pequena nação moderna do Oriente Médio. A maioria das pessoas associa o nome de *Israel* com o Estado judeu, que tem o mesmo nome. No entanto, o povo judeu é descendente de *apenas duas* das doze tribos que formavam a antiga Israel—Judá e Benjamin, juntamente com parte da tribo sacerdotal de Levi.

Após o reinado de Salomão, Deus fez com que o reino de Israel se dividisse em duas nações por causa dos pecados de Salomão. As dez tribos do norte mantiveram o nome de Israel, enquanto a parte sul, com suas duas tribos foi chamada o reino de Judá. A palavra *judeu* é apenas uma forma abreviada da palavra Judá.

A primeira vez que a palavra *judeus* aparece na versão da Bíblia Almeida e Corrigida, em 2 Reis 16:5-6, a nação nortenha de Israel estava *em guerra* contra os judeus! Então, claramente, eles não são um e mesmo povo.

Após o período de Salomão, estas duas nações se tornaram politicamente duas entidades geográficas distintas. Os judeus, que são *parte* dos israelitas, descenderam do patriarca Jacó, cujo nome foi

mudado para Israel. Mas ele tinha outros filhos, e os descendentes de dez deles formaram a nação nortenha de Israel, incluindo os descendentes do patriarca José.

José teve dois filhos, Efraim e Manassés. No devido tempo, seus descendentes se tornaram duas grandes nações modernas, uma com um império que se estendia por todo o mundo. Os descendentes de José tornaram-se mais fáceis de identificar na história contemporânea por causa do grande destaque das bênçãos proféticas que receberiam (ver Gênesis 49:22-26 e Deuteronômio 33:13-17).

A intrigante história de como os descendentes modernos do patriarca José eventualmente tornaram-se a Grã-Bretanha e os Estados Unidos da América é contada em nosso livro gratuito *Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha na Profecia Bíblica* [correntemente só é disponível em Inglês]. Grande parte do plano profético de Deus não pode ser compreendido sem o prudente conhecimento disposto nesta publicação. Tanto a Bíblia como a história secular compreende o material de origem deste livro.

A Grã-Bretanha e os Estados Unidos desempenharam papéis importantes, um após o outro, na restauração (depois de quase dois mil anos) do povo judeu à sua terra natal como nação no Oriente Médio, em 1948. A Declaração de Balfour na Grã-Bretanha (1917) foi seguida pelo apoio político fundamental do presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, no fim dos anos quarenta. Os

Muitos observadores têm notado que as escolhas recentes do presidente Barack Obama para os dois importantes cargos ministeriais, Estado e Defesa, *não* têm um histórico animador de apoio ao Estado de Israel. Como Melanie Phillips, que também aparece em programas de rádio e TV no Reino Unido, observou: “John Kerry, cotado para se tornar secretário de Estado, é um ativista antiguerra e esquerdistas fantasioso”.

Ela passou a seguinte observação: “O histórico de Chuck Hagel é ainda mais preocupante . . . Ele sempre votou contra as sanções ao Irã, por causa de sua busca por armas nucleares, ele votou contra declarar a Guarda Revolucionária do Irã como uma organização terrorista, e se recusou a assinar uma carta em que a União Europeia dizia o mesmo do Hezbollah—que tem nas mãos o sangue de muitos norte-americanos—ou seja, que é uma organização terro-

rista. Em vez disso, ele defende o diálogo com o Irã”.

Um editorial do *Wall Street Journal* acrescenta que Hagel “há muito tempo defende o diálogo com o ditador da Síria [Bashar al-Assad] e o grupo terrorista Hamas” (“A Educação de Hagel”, 7 de janeiro de 2013).

A revista *The Economist* citou Lindsey Graham, senador republicano da Carolina do Sul e membro do Comitê das Forças Armadas, descrevendo o senhor Hagel como alguém “alheio ao contexto em seu ponto de vista da política externa”, e, se seu nome for confirmado, ele será “o Secretário de Defesa mais antagônica ao Estado de Israel na história de nossa nação” (“Obama Escolhe Seus Soldados”, 12 de janeiro de 2013).

O senador republicano do Texas, Ted Cruz, repercutiu essa observação. “Seu histórico em Israel sugere fortemente que ele

não vê Israel como um amigo, mas como um incômodo. A aliança entre os Estados Unidos e Israel é fundamental para a nossa segurança nacional, mas Hagel tem estado muito disposto a enfraquecer essa aliança” (“Porque Eu Posso Esperar a Oposição de Hagel”, *USA Today*, 7 de janeiro de 2013).

A longa história de cerco a Israel

Douglas Murray afirmou em seu artigo “Israel Sob Cerco”, no jornal *O Espectador*: “Desde 1973, Israel tem sofrido um status quo de inimigos silenciosos e amigos ainda mais silenciosos. Agora está cercado de amigos ausentes e inimigos cada vez mais presentes” (24 de novembro de 2012). Ele falou sobre “o movimento global que tem sido muito negligenciado neste século [vinte] desde o nascimento de Israel [em 1948]”.

Mas Israel tem enfrentado muitos inimigos desde que a nação deixou o Egito

cerca de 3.500 anos atrás. O falecido teólogo e historiador britânico F.F. Bruce nos disse: “A saída do povo de Israel do Egito marca o seu nascimento como uma nação” (*Israel e as Nações*, 1963, p. 13). Ele havia observado antes: “No entanto, a história nacional de Israel não foi vivida alheia aos outros povos. Os israelitas foram cercados por nações grandes e mais poderosas do que eles, e isso afetou a vida de Israel em muitos pontos” (p. 11).

Durante os primeiros dias de Israel como uma nação “não foram somente as cidades canaanitas naquela terra que tentaram reduzi-la à servidão; de tempos em tempos, eles sofriam incursões de além do Jordão, por parte de sua própria parentela, Moabe, Amom e Edom [descendentes de Esaú, irmão de Jacó], e pior ainda pelos *beduínos* de partes mais remotas da Arábia, que, montados em camelos, invadiam seu território ano após ano na época da colheita e destruíam suas culturas” (pp. 19-20).

No entanto, a antiga Israel, também teve sua cota nacional de heróis e libertadores —como Josué, Gideão, o rei Ezequias e o rei Davi, que conquistou e fundou a cidade de Jerusalém como a capital da nação. Em tempos mais recentes pensamos na moderna Israel fundada por David Ben-Gurion (1948), Moshe Dayan (da Guerra de 1967) e até mesmo de Ariel Sharon e Benjamin Netanyahu.

Ainda assim, ao longo da história de Israel, o seu povo tem estado em cativo real ou virtual. No século VIII a.C. as dez tribos nortenas do reino de Israel foram levadas cativas para a Assíria, seguidas, no século VI a.C., pelo reino sulista de Judá, que foi invadido e exilado pelo rei babilônico Nabucodonosor. Nos dias de Jesus Cristo e Seus apóstolos e da Igreja primitiva, Israel estava sob a ocupação de Roma.

Depois de duas revoltas fracassadas contra poder de Roma, Israel foi destruída e seu povo dispersado. Muitos séculos depois, a trágica experiência do Holocausto (com seis milhões de judeus mortos) foi seguida pelo retorno profetizado de Israel à sua antiga terra natal.

Estes obstinados sobreviventes estavam determinados a não se tornarem escravos novamente. Assim, vemos a forte mentalidade de sobrevivência do moderno Estado de Israel novamente ameaçada por uma série de países inimigos e agora também prejudicada pela diminuição de amizades

com importantes nações apoiadoras.

A falecida historiadora Barbara Tuchman escreveu em seu livro *História Prática*: “Com todos os seus problemas, Israel tem uma vantagem predominante—um senso de propósito: sobreviver. Ela está de volta. Ela tem sido perseguida e exilada implacavelmente, mas sobreviveu para se tornar a única nação do mundo que tem governo próprio no mesmo território, sob o mesmo nome, com a mesma religião e a mesma língua como tem sido há três mil anos. *Ela conscientemente tem cumprido o seu destino. Ela sabe que não deve*

deixar se abater agora, que deve suportar tudo” (“Israel: Terra de Impossibilidades Ilimitadas”, 1981, p. 134).

Este comentário incisivo foi originalmente escrito há muitos anos. Mas será que a profecia bíblica nos diz o que vai acontecer com Israel e Jerusalém nos próximos anos?

O que a profecia bíblica revela claramente

Uma específica passagem profética na Bíblia vem a ser extremamente importante *(continua na página 24)*

A Profecia de uma Confederação Árabe

O Salmo 83 contém uma intrigante profecia sobre muitas nações do Oriente Médio, que aparentemente ainda não se cumpriu e possivelmente se juntará aos eventos do tempo do fim. Se assim for, ela prevê uma confederação de nações árabes determinada a eliminar Israel. “Astutamente formam conselho contra o teu povo e conspiram contra os teus protegidos.

“Disseram: Vinde, e desarraiguemo-los para que não sejam nação, nem haja mais memória do nome de Israel. Porque à uma se conluiaram; aliaram-se contra ti: As tendas de Edom, dos ismaelitas, de Moabe, dos agarenos, de Gebal, de Amom, de Amaleque e a Filístia com os moradores de Tiro. Também a Assíria se ligou a eles; foram eles o braço dos filhos de Ló” (versículos 3-8).

Estes nomes bíblicos são significativos quando entendemos as áreas e povos às quais se refere esta profecia. *Edom* inclui os palestinos e parte dos turcos. Os ismaelitas, descendentes de Ismael, compõem muitos dos povos árabes em todo o Oriente Médio e norte da África. *Moabe* é a área central do Jordão. Os *agarenos* aparentemente se refere a outros descendentes de Agar, mãe de Ismael.

Gebal, que significa “montanha”, é comumente comparado com a cidade fenícia de Biblos, a moderna Jubayl, no Líbano. Alguns pensam que se refere às montanhas da Jordânia. *Amom* refere-se a norte da Jordânia, em torno de Amã, a capital (que obtem o seu nome de Amom). *Amaleque* parece referir-se a um ramo dos palestinos edomitas. *Filístia* é a área em torno do que hoje é conhecida como Faixa de Gaza. Antigamente *Tiro* era uma grande cidade-estado no sul do Líbano ao longo da costa do Mediterrâneo. *Assíria* etnicamente parece referir-se aos habitantes da Europa Central, que migraram há muitos séculos atrás, enquanto geograficamente a Assíria está no que hoje é o norte do Iraque. Os *filhos de Ló* refere-se a Moabe e Amom—novamente regiões da atual Jordânia.

A unidade árabe parece difícil de acontecer, mas lentamente um propósito comum vem aproximando os diferentes povos do mundo árabe. Este propósito comum é o desejo de destruir a nação de Israel e seu maior defensor, os Estados Unidos da América, juntamente com a cultura liberal do Ocidente, que é vista por muitos como uma ameaça ao estilo de vida muçulmano.

Esta parte foi extraída do nosso livro *O Oriente Médio na Profecia*

Jesus Não Foi Crucificado Na Sexta-Feira e Nem Ressuscitou no Domingo!

Como podemos encaixar três dias e três noites entre uma crucificação na tarde de sexta-feira e o amanhecer do domingo de Páscoa? O fato é que não podemos. Então, qual é a verdade sobre quando Jesus foi crucificado e ressuscitado?

por Scott Ashley

Cerca de um bilhão de protestantes e outro bilhão de católicos acreditam que Jesus Cristo foi crucificado e sepultado numa sexta-feira à tarde—“Sexta-feira Santa”—e ressuscitado para a vida novamente ao amanhecer do domingo de Páscoa, depois de um dia e meio.

No entanto, quando comparamos com as palavras do próprio Jesus sobre quanto tempo Ele ficaria sepultado, encontramos uma grande contradição. Por quanto tempo Jesus disse que ficaria na sepultura? “Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra” (Mateus 12:40).

O contexto em que Jesus Cristo disse estas palavras é importante. Os escribas e fariseus exigiam dEle um sinal miraculoso para provar que Ele era realmente o Messias tão aguardado. “Mas ele lhes respondeu e disse: Uma geração má e adúltera pede um sinal, porém não se lhe dará outro sinal, senão o do profeta Jonas” (versículo 39).

Este foi o único sinal que Jesus deu provando que Ele era o Messias prometido: “Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim *estará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra*” (grifo do editor).

A contagem de tempo tradicional não faz sentido

Os Evangelhos são claros a respeito de que Jesus morreu e Seu corpo foi colocado rapidamente no túmulo no fim da tarde, pouco antes do pôr-do-sol, quando o Sábado começou (João 19:30-42).

O tempo tradicional entre a “Sexta-feira Santa e o Domingo de Páscoa”, do pôr-do-sol da sexta-feira ao pôr-do-sol do Sábado, é de uma noite e um dia. Da noite do Sábado ao amanhecer do domingo

completa outra noite, perfazendo o total de duas noites e um dia.

Então, como faremos para chegar a mais uma noite e dois dias para igualar os três dias e três noites que Jesus disse que estaria no túmulo?

Definitivamente, isto é um problema. A maioria dos teólogos e estudiosos religiosos tenta contornar isso argumentando que qualquer parte de um dia ou da noite conta como um dia ou uma noite. Assim, eles dizem que alguns minutos finais da tarde de sexta-feira foi o primeiro dia, todo o dia de sábado foi o segundo dia e os primeiros minutos da manhã de domingo seria o terceiro dia.

Isto parece razoável, não é mesmo?

O problema é que isso não dá certo. Isso apenas alcança três dias e *duas* noites, e não três dias e três noites.

Além disso, João 20:1 nos diz que “no primeiro da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, *sendo ainda escuro*, e viu a pedra tirada do sepulcro”.

Você entendeu o problema aqui? João nos diz que *ainda estava escuro* quando Maria foi ao túmulo na manhã de domingo e o encontraram vazio. Jesus *foi ressuscitado bem antes do amanhecer do dia*. Portanto, Ele não esteve no túmulo em *nenhuma* parte do dia de domingo, por isso nenhuma parte desse dia pode ser contado como um dia.

Isso nos deixa, no máximo, com parte do dia da sexta-feira, toda a sexta-feira à noite, todo o dia de Sábado e a maior parte da noite de Sábado. Isto totaliza um dia inteiro e parte de outro, e uma noite completa e a maior parte de outra—*somente um dia e uma noite completos* do tempo que Jesus disse que ficaria no túmulo.

É evidente que algo não faz sentido. Ou Jesus se enganou sobre a duração do

tempo em que estaria no túmulo ou o espaço de tempo entre a “Sexta-feira Santa e o Domingo de Páscoa” não é bíblico ou correto.

Obviamente, ambos não podem ser verdadeiros. Então, qual é o certo?

A chave é compreender o tempo de Deus

A chave para entender o momento da crucificação e ressurreição de Cristo está no entendimento do tempo de Deus para a contagem do término e começo dos dias, bem como o tempo de Suas festas bíblicas durante a primavera do ano, quando estes eventos aconteceram.

Primeiro precisamos compreender que Deus não começa e termina o dia à meia-noite, como fazemos—que é um método criado pelo homem para contar o tempo. Gênesis 1:5 nos diz muito claramente que Deus conta o início de um dia ao começar da noite (a parte da noite) e termina na noite seguinte—“E foi a tarde [noite] e a manhã [dia], o dia primeiro”. Deus repete esta fórmula para os seis dias da criação.

Em Levítico 23, onde Deus enumera todas as Suas festas santas e Sábados, Ele deixa claro que devem ser observados “duma tarde a outra tarde” (versículo 32)—em outras palavras, de pôr-do-sol a pôr-do-sol, quando o sol se põe e começa a noite.

É por isso que José de Arimatéia e Nicodemos, seguidores de Jesus, colocaram apressadamente o Seu corpo no túmulo, pouco antes do pôr-do-sol (João 19:39-42). Um sábado estava começando nesse pôr-do-sol (versículo 31), quando o trabalho deveria cessar.

A confusão por causa de dois tipos de “Sábado”

Como João nos diz no versículo 31:

“Os judeus, pois, para que no sábado não ficassem os corpos na cruz, visto como era a preparação (pois era grande o dia de sábado), rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas, e fossem tirados”.

Na cultura judaica da época, as tarefas de cozinhar e limpar a casa eram feitas um dia antes de um sábado para se evitar trabalhar no dia designado por Deus para descanso. Assim, o dia antes do sábado era comumente chamado de “dia da preparação”. Sem dúvida, o dia em que Cristo foi crucificado e teve Seu corpo colocado no sepulcro foi o dia imediatamente anterior a um Sábado.

A questão é: *qual* Sábado?

A maioria das pessoas supõe que João está falando do Sábado semanal regular, observado do pôr-do-sol da sexta-feira ao pôr-do-sol do Sábado. Desta clara declaração de João, a maioria das pessoas crê que Jesus morreu e foi sepultado numa sexta-feira—por isso, a crença tradicional de que Jesus foi crucificado e morreu na “sexta-feira santa”.

A maioria das pessoas não têm nenhuma ideia de que a Bíblia fala sobre *dois tipos* de Sábado—o dia normal do Sábado semanal, que cai no sétimo dia da semana (que não é para ser confundido com domingo, o que é o *primeiro* dia da semana), e sete dias de sábados *anuais*, listados em Levítico 23 e mencionados em várias passagens na Bíblia, que poderiam cair em *qualquer* dia da semana.

Por conta de que o cristianismo tradicional abandonou há muito tempo esses dias de Sábados bíblicos anuais (assim como o Sábado semanal), as pessoas têm falhado reconhecer por muitos séculos que os Evangelhos nos dizem claramente quando Jesus Cristo foi crucificado e ressuscitado—e que não foi de “Sexta-feira Santa ao Domingo Páscoa”.

Muitas pessoas deixam de notar que João nos diz explicitamente que o Sábado, que começou no pôr-do-sol, imediatamente depois que Jesus foi enterrado era um desses dias de Sábado *anual*. Observe, em João 19:31, sua explicação de que “era *grande o dia* de sábado”—o termo “grande dia” é usado para diferenciar os sete Sábados anuais dos dias de Sábado semanais regulares.

Então, qual foi este “grande dia”, que imediatamente seguiu-se ao apressado sepultamento de Jesus Cristo?

Os Evangelhos nos contam que, na noite antes de Jesus ser condenado e crucificado,

Ele celebrou a Páscoa com Seus discípulos (Mateus 26:19-20, Marcos 14:16-17, Lucas 22:13-15). Isto significa que Ele foi crucificado no dia da Páscoa.

Levítico 23, que lista as festas de Deus, nos diz que no dia depois da Páscoa começaria uma festa separada, a Festa dos Pães Asmos (versículos 5-6). O primeiro dia desta festa é “uma convocação santa” em que “nenhum trabalho servil” pode ser feito (versículo 7).

Este dia é o primeiro dos Sábados anuais de Deus. Este é o “grande dia” do qual João escreveu. Vários comentários bíblicos, enciclopédias e dicionários observam que João está se referindo aqui a um Sábado anual em vez do habitual dia de Sábado semanal.

A Páscoa começou no pôr-do-sol e terminou no dia seguinte, ao entardecer, quando começou este Sábado anual. Jesus celebrou a páscoa com Seus discípulos, e depois foi preso um pouco mais tarde naquela mesma noite. Após o amanhecer do dia seguinte Ele foi interrogado diante de Pôncio Pilatos, foi crucificado, e depois foi sepultado às pressas, imediatamente antes do próximo pôr-do-sol, quando começou o “grande dia”, o primeiro dia da Festa dos Pães Asmos.

Levítico 23 nos diz a sequência e as datas dessas festas, e os Evangelhos confirmam a ordem dos eventos que se desenrolaram.

Jesus foi crucificado na quarta-feira e não na sexta-feira

Existem vários programas de computador que nos permitem calcular quando a Páscoa e outras festas de Deus caem em um determinado ano. Esses programas mostram que, em 31 d.C., o ano destes eventos, a Páscoa foi celebrada na noite de terça-feira e o entardecer da quarta-feira marcou o início do “grande dia”, o primeiro dia da Festa dos Pães Asmos.

Então, Jesus foi crucificado e sepultado numa tarde de *quarta-feira* e não na *sexta-feira*.

Podemos encontrar mais provas nos Evangelhos? Sim, sem dúvida que podemos!

Vamos voltar a um detalhe raramente observado em Marcos 16:1: “E, passado o Sábado, Maria Madalena, Salomé e Maria, mãe de Tiago, compraram aromas para irem ungi-Lo”.

Nessa época, se o corpo de um ente querido fosse colocado em um túmulo ao

invés de ser sepultado diretamente na terra, era comum que os amigos e familiares colocassem especiarias aromáticas no túmulo ao lado do corpo para reduzir o mau cheiro do cadáver em decomposição.

E como o corpo de Jesus foi colocado no túmulo antes de começar o “grande dia” daquele Sábado, as mulheres não tiveram tempo para comprar as especiarias antes do Sábado. Além disso, elas não poderiam ter comprado no dia de Sábado, pois o comércio estava fechado. Assim, Marcos diz que elas compraram as especiarias *depois do Sábado*—“passado o Sábado”.

Mas note outro detalhe revelador em Lucas 23:55-56: “E as mulheres que tinham vindo com ele [Cristo] da Galileia seguiram também e viram o sepulcro e como foi posto o seu corpo. E, voltando elas, prepararam especiarias e unguentos *e, no sábado, repousaram, conforme o mandamento*”.

Você vê o problema aqui? Marcos afirma claramente que as mulheres compraram as especiarias *depois do Sábado*—“passado o Sábado”. E Lucas nos diz que as mulheres prepararam especiarias e óleos perfumados, depois que, “*no Sábado, repousaram, conforme o mandamento*”.

Assim elas compraram as especiarias *depois do Sábado* e então prepararam as especiarias *antes de descansar* no Sábado. Há uma evidente contradição entre esses dois relatos do Evangelho—a menos que houveram *dois* Sábados!

Na verdade, quando entendemos que são mencionados *dois Sábados diferentes*, o problema desaparece.

Marcos nos diz que depois daquele “grande dia” de Sábado, que começou na noite do pôr-do-sol de quarta-feira e terminou na noite do pôr-do-sol de quinta-feira, as mulheres compraram as especiarias para ungir o corpo de Jesus. Lucas, então, nos diz que as mulheres prepararam a especiarias—atividade que teria ocorrido na sexta-feira—e que depois, “*no sábado* [o dia de Sábado semanal normal, observado do pôr-do-sol de sexta-feira ao pôr-do-sol do sábado] *repousaram, conforme o mandamento*”.

Ao comparar detalhes em ambos os relatos, podemos ver claramente que são mencionados dois Sábados diferentes juntamente com um dia de trabalho no meio. O primeiro Sábado foi um “grande dia”—o primeiro dia da Festa dos Pães Asmos, que caiu numa quinta-feira. O segundo foi o

Sábado semanal do sétimo dia. (Para ver passo a passo estes acontecimentos, veja o gráfico abaixo).

O original grego em que os Evangelhos foram escritos também nos diz claramente que haviam dois dias de Sábado nesses relatos. Em Mateus 28:1, onde Mateus escreve que as mulheres foram ao túmulo “no fim do Sábado”, a palavra Sábado aqui, na verdade, está no plural e deve ser traduzida como “*Sábados*”. As versões da Bíblia, tais como o Novo Testamento Interlinear Grego-Ingês de Alfred Marshall, a Tradução Literal de Young e Tradução Ferrar Fenton deixam isso bem claro.

Quando Jesus foi ressuscitado?

Vimos, então, que Jesus Cristo foi crucificado e sepultado numa quarta-feira, pouco antes de começar um Sábado *anual* — não o Sábado semanal. Então, quando Ele ressuscitou?

João 20:1, como observado anteriormente, nos diz que “no primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, *sendo ainda escuro*, e viu a pedra tirada do sepulcro”. O sol ainda não tinha nascido—“sendo ainda escuro”, nos diz João—quando Maria encontrou o túmulo vazio.

Por isso é óbvio que Jesus não ressuscitou

ao nascer do sol da manhã de domingo. Então, quando é que isso aconteceu? A resposta é simples, se simplesmente lemos os Evangelhos—e as próprias palavras de Jesus Cristo—e aceitamos o que dizem.

“Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, *assim estará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra*”, disse Jesus (Mateus 12:40).

Como já provado, Jesus foi sepultado—colocado “no seio da terra”—pouco antes do pôr-do-sol em uma quarta-feira. Apenas temos que fazer as contas a partir daí. Um dia e uma noite nos traz para o pôr-do-sol da quinta-feira. Outro dia e noite nos traz para o pôr-do-sol da sexta-feira. Um terceiro dia e noite nos traz para o pôr-do-sol do sábado.

De acordo com as próprias palavras de Jesus Cristo, Ele teria sido ressuscitado três dias e três noites depois de ser sepultado, por volta da mesma hora—perto do pôr-do-sol. Isso se encaixa com as Escrituras? Sim, como já vimos, Ele já tinha sido ressuscitado e o sepulcro estava vazio quando Maria chegou, “sendo ainda escuro”, na manhã de domingo.

Embora ninguém estivesse por perto para testemunhar a Sua ressurreição (que ocorreu no interior de um túmulo lacrado e vigiado por guardas armados), as próprias

palavras de Jesus Cristo e os detalhes registrados nos Evangelhos mostram que isso aconteceu três dias e três noites depois de Seu sepultamento, no fim do sábado semanal, próximo ao pôr-do-sol.

Você pode tentar, mas é impossível encaixar três dias e três noites entre o sepultamento na sexta-feira e a ressurreição na manhã de domingo. A tradição da Sexta-feira Santa e do domingo de Páscoa simplesmente não são nem verdadeiros e nem bíblicos. Mas quando olhamos para todos os detalhes registrados nos Evangelhos e comparamos com as próprias palavras de Jesus, podemos ver a verdade — e ela se encaixa perfeitamente.

As palavras do anjo de Deus, que assustou muito as mulheres no túmulo vazio, são comprovadamente verdadeiras: “O anjo disse às mulheres: Não tenham medo! Sei que vocês estão procurando Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui; *ressuscitou, como tinha dito*” (Mateus 28:5-6, NVI).

Não nos apeguemos às tradições religiosas e ideias que não são apoiadas pelas Escrituras. Procure ter certeza de que suas próprias crenças e práticas estão firmemente arraigadas na Bíblia. Você está disposto a fazer um compromisso de adorar a Deus de acordo com a verdade bíblica em vez da tradição humana? **BN**

A Cronologia Bíblica da Crucificação e Ressurreição de Jesus Cristo

Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo	sinal que havia dado sobre ser o Messias.
Jesus Cristo comeu a ceia da Páscoa à noite com Seus discípulos (no início de 14 de Nisã, contagem bíblica do tempo) e instituiu os símbolos da Nova Aliança (Mateus 26:26-28). Então, Jesus foi traído por Judas, preso e levado durante a noite perante o sumo sacerdote.	Jesus foi crucificado e morreu por volta das três horas da tarde (Mateus 27:46-50). Este era o dia da preparação para o Sábado anual, não semanal, que começou ao pôr-do-sol (Marcos 15:42, Lucas 23:54, João 19:31). O corpo de Jesus foi colocado no túmulo antes do pôr-do-sol (Mateus 27:57-60).	Este era um grande dia de Sábado, o primeiro Dia dos Pães Asmos (João 19:31; Levítico 23:4-7). Ele é descrito como um dia após o “Dia da Preparação” (Mateus 27:62).	O grande dia de Sábado já havia passado, então as mulheres compraram e prepararam as especiarias para ungir o corpo de Jesus antes de descansar no dia do Sábado semanal, que começava no pôr-do-sol de sexta-feira (Marcos 16:1, Lucas 23:56).	As mulheres descansaram no Sábado semanal, de acordo com o Quarto Mandamento (Lucas 23:56; Êxodo 20:8-11). Jesus ressuscitou perto do pôr-do-sol, exatamente três dias e três noites após o sepultamento, cumprindo assim o sinal de Jonas e legitimando o	As mulheres trouxeram as especiarias preparadas no início da manhã, enquanto ainda estava escuro (Lucas 24:1, João 20:1), mas não encontraram Jesus porque Ele já havia ressuscitado (Mateus 28:1-6, Marcos 16:2-6, Lucas 24:2-3, João 20:1). Ele	



Quem Realmente Matou Jesus?

Jesus Cristo morreu em cumprimento da Páscoa e de outros sacrifícios do Antigo Testamento. Mas quem realmente tem culpa em Sua morte? por Gary Petty

Imagine-se transportado de volta no tempo, há quase dois mil anos. Você está em pé fora de Jerusalém, olhando para onde Jesus de Nazaré foi crucificado. Ele tem pregos atravessados em suas mãos e pés e uma coroa de espinhos encravada na sua cabeça. Os soldados romanos disputam em um jogo pelas roupas dele. De repente, um dos soldados pega uma lança e perfura a lateral do peito de Jesus. Com um suspiro Seu sofrimento termina.

Mais cedo, naquele mesmo dia, os líderes judeus acusaram a Jesus de sedição diante do governador romano Pôncio Pilatos. A mulher de Pilatos teve um sonho perturbador sobre o rabino judeu e pediu ao marido para poupá-lo. O governador tinha uma maneira de evitar a condenação de Jesus. O costume romano ditava que um prisioneiro judeu poderia ser solto na época da Páscoa. Pilatos ofereceu à multidão a escolha do criminoso Barrabás ou Jesus. A multidão escolheu Barrabás.

Relatando o que aconteceu depois, Mateus 27:22 afirma: “Disse-lhes Pilatos: Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo? Disseram-lhe todos: Seja crucificado!”. Então, o governador perguntou à multidão: “Mas que mal fez Ele?” e a multidão gritava mais ainda dizendo: “Seja crucificado” (versículo 23).

Mateus então escreve: “Então, Pilatos, vendo que nada aproveitava, antes o tumulto crescia, tomando água, lavou as mãos diante da multidão, dizendo: Estou inocente do sangue deste justo; considerai isso. E, respondendo todo o povo, disse: O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos” (versículos 24-25). Pilatos O entregou e Jesus foi levado para ser espancado, açoitado e crucificado.

Quem realmente matou Jesus? O povo judeu seria o responsável através de suas gerações? O restante da responsabilidade recaí sobre os soldados romanos que O açoitaram e crucificaram? Pilatos deveria levar a culpa?

A resposta pode ser encontrada no grande significado por trás dos sacrifícios



requeridos por Deus no Antigo Testamento, começando com a de um cordeiro na observância da Páscoa bíblica.

A Páscoa—símbolo do sacrifício de Cristo

A Páscoa advém do tempo de Moisés quando Deus libertou os israelitas da escravidão egípcia. Moisés disse ao governante egípcio, o faraó, que Deus queria que ele deixasse os israelitas livres. Quando o Faraó se recusou, Deus trouxe nove terríveis pragas sobre o povo e a terra do Egito. Quando Faraó novamente se recusou, Deus disse que iria matar todos os primogênitos do Egito.

Os israelitas foram instruídos a passar o sangue de um cordeiro imolado nos umbrais de suas casas para que essa última praga passasse por cima deles e assim eles seriam poupados. Por gerações, os israelitas têm celebrado aquela noite, quando os seus antepassados ouviram os gritos horríveis dos egípcios por seus mortos, e eles foram poupados, quando Deus passou por cima de suas casas.

Na época de Jesus, mais de 1.400 anos depois da primeira Páscoa, as famílias judaicas selecionavam os cordeiros para serem sacrificados, como fizeram seus antepassados há quatorze séculos. No dia 14 do mês hebraico de Nisã eles iriam matar o cordeiro e comer uma refeição especial de cordeiro, ervas e pão asmos para comemorar a misericórdia de Deus e a

libertação dada a seus antepassados.

E foi nesse mesmo dia do primeiro mês do calendário hebraico que Jesus foi crucificado. Na noite antes de sua morte, Ele tomou a Páscoa com os Seus seguidores mais próximos (Mateus 26:17-20). Mateus disse: “E, tomando o cálice e dando graças, deu-lho, dizendo: Bebei dele todos. Porque isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados” (versículos 26-28).

O resultado fatal do pecado

O sofrimento e a morte que marcam a condição humana é o resultado direto do pecado, que é a desobediência aos caminhos de vida de Deus (Gênesis 3:17-19). O problema que todos nós temos de enfrentar é como os seres humanos pecadores podem entrar na presença do Deus justo. Muitas pessoas ficam chocadas ao descobrir que Deus tem requisitos que devem ser cumpridos para se interagir com o seu Criador.

Durante todo o Antigo Testamento, periodicamente, as pessoas eram obrigadas a se aproximarem de Deus com uma oferta de sangue. Somente certos animais eram aceitáveis a Deus para estes sacrifícios de sangue.

Em Levítico 17:10-11, Deus explica por que é necessário um sacrifício de sangue: “E qualquer homem da casa de Israel ou dos estrangeiros que peregrinam entre vós que comer algum sangue, contra aquela alma que comer sangue eu porei a minha face e a extirparei do seu povo. Porque a alma da carne está no sangue, pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é o sangue que fará expiação pela alma”.

O sacrifício de animais pode nos parecer estranho hoje em dia, até mesmo uma barbaridade. Mas é importante lembrar que esses sacrifícios foram ordenados por Deus e transmitem algo vital. Os seres humanos pecaram, violaram a lei de Deus, e trouxe a si mesmos o castigo final pelo pecado— a morte.



Explorando a Palavra de Deus

Os sacrifícios de animais eram um substituto do sangue do pecador. No entanto, a vida de um ser humano, criado à imagem de Deus, vale mais do que qualquer quantidade de cordeiros e de touros. Então, esses substitutos temporários eram símbolos de uma realidade que era para ser cumprida de uma forma maravilhosa.

O Servo Sofredor

O que Jesus quis dizer quando falou que Seus discípulos devem comer pão e beber vinho como símbolos de Seu corpo e sangue? O que estes símbolos têm a ver com o perdão dos pecados? Por que Ele escolheu uma refeição na Páscoa para dar-lhes essas instruções?

As respostas são encontradas nas antigas mensagens dos profetas de Deus. Elas falam sobre a vinda de um Messias, ou Cristo, que iria conquistar as nações e estabelecer o Reino de Deus na Terra. Outras profecias relatam que um grande Servo de Deus sofreria pelas nações.

Uma profecia sobre o “Servo sofredor” se encontra em Isaías 52-53. Nesta profecia, o Servo de Deus é espancado e “Ele estava tão desfigurado, que nem parecia um ser humano” (BLH). Ele foi “ferido pelas nossas transgressões”, “pisado pelas nossas iniquidades”, e tornou-se uma “oferta pelo pecado” e, em Sua morte, Ele “levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu” (Isaías 52:13 a 53:12).

Jesus não foi apenas um bom mestre. *Ou Ele é o Messias prometido, o Servo Sofredor que veio do trono de Deus à Terra como “Cordeiro de Deus” (assim proclamado por João Batista em João 1:29, 36), ou todo o Novo Testamento, é baseado num Messias que se apontou a si mesmo, é fraudulento, e Jesus e Seus seguidores foram iludidos pelo fanatismo, na melhor das hipóteses.*

No entanto, há provas contundentes de que Jesus é quem dizia ser. E como o Cordeiro de Deus, Sua vida tem mais valor do que todos os seres humanos que já viveram ou ainda viverão. Os sacrifícios de animais eram meros símbolos da realidade do plano de Deus para a salvação—pela qual Jesus morreu por todos.

O livro de Hebreus nos diz: “Porque é impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire pecados . . . temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo,

feita uma vez. E assim todo sacerdote aparece cada dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar pecados; mas este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado para sempre à destra de Deus, daqui em diante esperando até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés. Porque, com uma só oblação, aperfeiçoou para sempre os que são santificados” (Hebreus 10:4-14).

Jesus, o Cordeiro da Páscoa

Depois que Jesus ressuscitou, os Seus seguidores continuaram observando a Páscoa, mas com um novo entendimento. Para os cristãos, a Páscoa não era mais apenas uma celebração de como Deus salvou a antiga Israel da escravidão e como os primogênitos deles foram poupados.

Mais de vinte anos após a ressurreição de Cristo, o apóstolo Paulo escreveu para a igreja da cidade grega de Corinto: “Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós” (1 Coríntios 5:7). Para os primeiros cristãos, Jesus era celebrado como o perfeito Cordeiro da Páscoa, que nos livra da morte e da escravidão do pecado.

A importância de Jesus como o cordeiro pascal é perdida nesta mensagem comum: “Jesus te aceita como você é”. Para entender a necessidade de ter Jesus como sua Páscoa, você tem de aceitar que a hostilidade contra a lei de Deus (Romanos 8:7) é a essência de muitos de seus pensamentos e ações. Certamente, *Deus não lhe aceita do jeito que você é*. Para ter um relacionamento com Deus *você deve se arrepender, se converter e permitir que Ele o transforme*.

Neste ponto, você pode estar pensando: “Mas eu sou basicamente uma boa pessoa”. Basicamente bom não é o suficiente. A menos que Deus providencie um substituto, cada um de nós tem que enfrentar a pena de morte sob a lei santa de Deus. Somente aceitando o sangue derramado de Jesus, o Filho de Deus, que não cometeu nenhum mal, *cuja vida é mais valiosa do que toda a humanidade*, é que você pode ser escapar para não ser destruído definitivamente.

Os cristãos devem celebrar a Páscoa, participando dos símbolos do corpo e do sangue de Cristo como o verdadeiro Cordeiro Pascal. Como os antigos israelitas, você não tem como se salvar da escravidão

do pecado ou da morte eterna, exceto pelo sangue do Cordeiro de Deus. Nós simplesmente não podemos ressuscitar a nós mesmos.

Retornemos a 1 Coríntios, onde Paulo escreveu: “Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor, até que venha” (1 Coríntios 11:26). Uma vez por ano, no aniversário da Páscoa que Jesus celebrou com Seus discípulos, os cristãos devem se reunir para proclamar a morte do Senhor.

O que nos leva de volta à nossa pergunta original: Quem realmente matou Jesus?

Quem realmente é o responsável?

Vamos nos transportar de volta à cena no local onde Jesus foi crucificado. O soldado romano que tinha acabado de enfiar a lança no lado de Jesus se volta lentamente para sua direção. Você tem uma oportunidade de olhar para o rosto do assassino do Filho de Deus. Ele se vira, tira o elmo, e você encontra-se *olhando para o seu próprio reflexo*.

Esta não é uma tentativa tola de tentar fazer você se sentir culpado. O cristianismo é uma religião inútil a menos que Jesus, o Filho de Deus, na verdade, veio do céu para viver como um homem, para morrer pelos nossos pecados e para ressuscitar três dias e três noites depois. Para se tornar um cristão, você tem que aceitar que Sua morte foi um substituto para o que *você* merece. Esta é uma verdade fundamental do que é ser cristão.

Menos de dois meses depois que Jesus foi crucificado e ressuscitado, Pedro estava falando para uma grande multidão em Jerusalém. As pessoas ficaram chocadas quando Pedro revelou a culpa pessoal deles na morte de Jesus: “A quem vós entregastes e perante a face de Pilatos negastes”. Ele ainda lhes disse: “*Vós negastes o Santo . . . e matastes o Príncipe da vida*” (Atos 3:13-15, grifo do editor).

Pedro, então, usou as Escrituras do Velho Testamento para mostrar que pra Jesus, como Messias, estava profetizado sofrer e ressuscitar. Ele disse aos presentes: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham, assim, os tempos do refrigério pela presença do Senhor. E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado, o qual convém que o céu

contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio” (Atos 3:19-21).

Muitos dos que estavam ouvindo a Pedro já tinham escutado Jesus ensinar. Eles tinham visto Seus milagres. Eles sofreram pelo desapontamento de verem Jesus ser crucificado. Através do ensinamento de Pedro, de João e de outros, muitos se voltaram para Deus e aceitaram a Jesus como Messias profetizado e Servo Sofredor.

A responsabilidade pela morte de Jesus Cristo não é apenas uma questão de acusar os judeus, que O traíram, nem os soldados romanos que O crucificaram, nem Pilatos que O condenou. O fato é que você deve aceitar que a morte de Jesus foi um substituto para o que você merece. Jesus morreu por você, para que você pudesse ter acesso a Deus, nosso Pai, e ser livre do pecado e

da morte. Se você fosse a única pessoa na Terra, o Cordeiro de Deus teria sido sacrificado como o *seu* substituto.

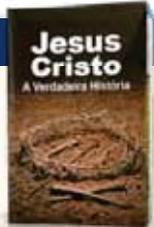
Nossa responsabilidade agora é obedecer e aceitar as mesmas palavras de Pedro —para nos afastar de nossos pecados em arrependimento e aceitar com gratidão o sacrifício de Jesus. Quando fazemos isso, Deus nos perdoa e nos dá o Seu Espírito para nos ajudar a obedecê-Lo (Atos 2:38). Quão maravilhosa é a misericórdia de Deus!

Para os cristãos de hoje, a Páscoa continua sendo um tempo para refletir sobre o impressionante sacrifício de Jesus Cristo —quando Ele deu a Sua vida por todos nós. Ela não é apenas uma celebração judaica. Não pode haver maior reconhecimento de Jesus como nosso Redentor que os cristãos se reunirem na noite em que Ele se reuniu com Seus discípulos e participar

dos símbolos do pão e do vinho como um memorial anual de Seu corpo e sangue dado em sacrifício por todos nós! **BN**

Para Saber mais

Você precisa entender a verdade sobre Jesus Cristo, quem Ele era, por que veio ao mundo, o que o Seu sacrifício significa e por que Ele está voltando. Não deixe de ler o nosso livro esclarecedor *Jesus Cristo: A Verdadeira História*. E para saber mais sobre a Páscoa e outras festas de Deus, leia nosso livro *O Plano dos Dias Santos de Deus: a promessa de esperança para toda a humanidade*. Hoje mesmo, você pode baixar ou solicitar sua



www.revistaboanova.org

“O Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo”

A culpa imediata pela morte de Jesus Cristo não está apenas com o soldado que enfiou a lança no Seu lado, nem com os outros soldados que participaram de Sua crucificação, nem com o governador romano Pôncio Pilatos, que ordenou a Sua morte, nem com o povo judeu que exigiu a Sua execução. A responsabilidade é de cada um de nós. A oração a Deus em Atos 4:27 mostra uma culpa abrangente: “Porque, verdadeiramente, contra o teu santo Filho Jesus, que tu ungiste, se ajuntaram, não só Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios e os povos de Israel”.

Então não foram apenas os governantes, não foram apenas os judeus e nem somente os romanos que estão implicados na morte de Jesus. Eles fizeram sua parte—assim também como nós. Como o apóstolo Pedro escreveu: “Pois vocês sabem que não foi por meio de coisas perecíveis como prata ou ouro que vocês foram redimidos da sua maneira vazia de viver, transmitida por seus antepassados, mas pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem mancha e sem defeito” (1 Pedro 1:18-19, NVI).

Mas note que a oração antes referida imediatamente continua dizendo a Deus que essas pessoas estavam todas reunidas contra Jesus “para fazerem tudo o que a Tua mão e o Teu propósito predeterminaram” (Atos 4:28). Claramente, este era o plano de Deus o tempo todo. De fato, Isaías 53:10 diz: “O SENHOR Deus diz: ‘Eu quis maltratá-lo, quis fazê-lo sofrer. Ele ofereceu a sua vida como sacrifício para tirar pecados’” (BLH). Foi Deus Pai, que decretou isso a respeito de Jesus: “Ó espada, ergue-te contra o meu Pastor e contra o

varão que é o meu companheiro, diz o SENHOR dos Exércitos; fere o Pastor” (Zacarias 13:7).

Podemos ver ainda que era a intenção de Deus, através do já mencionado sistema sacrificial da antiga Israel. Jesus veio em cumprimento do mesmo, Sua morte, obviamente, foi predeterminada por Deus.

Além disso, o próprio Jesus disse: “Porque dou a minha vida . . . Ninguém a tira de Mim, mas eu de mim mesmo a dou . . . Esse mandamento recebi de meu Pai” (João 10:17-18). Ou seja, Ele não teria morrido se não fosse por Sua vontade e de Seu Pai, que orquestrou o acontecimento de todos os eventos.

Assim, a responsabilidade final pela morte de Jesus encontra-se com o Pai e com Ele mesmo. Eles determinaram que isso acontecesse. Na verdade, Eles criaram o homem com a possibilidade de pecar, para começar, e assumiram a responsabilidade pelo pecado através do plano da morte sacrificial de Jesus. É por isso que Apocalipse 13:8 se refere a Jesus como “o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo”. Sabendo que os seres humanos pecariam, então, uma maneira tinha que ser encontrada para esses mesmos seres humanos tivessem um sacrifício feito em seu lugar, assim eles poderiam ser perdoados de seus pecados e reconciliados com Deus.

No entanto, nada disso serve de desculpa para que os seres pequem. Nós todos temos responsabilidade nos erros que cometemos. Na verdade, temos de entender que os nossos pecados exigem a morte de Cristo—por isso todos nós compartilhamos da culpa de Sua morte. Sim, você, eu, todos.

Treinando Agora Para Ajudar o Governo de Cristo

Jesus Cristo voltará à terra como Rei do Reino de Deus para salvar a raça humana da sua auto-destruição. Como é que os cidadãos rebeldes e traumatizados deste mundo vão se tornar pacíficos no Reino de Deus? Quem vai ajudar a servir e a ensinar as pessoas? O que a Bíblia diz sobre os cidadãos do Reino de Deus?

Nos últimos dois miniestudos estudamos sobre o retorno de Jesus Cristo como Rei para salvar este mundo de si mesmo e acerca da constituição do Reino de Deus —as leis de Deus. O Rei e as leis do Reino são duas de quatro peças necessárias para existir um reino. Hoje vamos ver o terceiro componente necessário ao Reino—os cidadãos.

Uma história de transformação

Considere a história de uma das figuras mais intrigantes da Bíblia. Simão Barjonas era um rude pescador—corajoso, audacioso e zeloso. Seu objetivo de vida certamente não incluía tornar-se um exímio pregador ou um poderoso rei. Mas quando ouviu a mensagem de Jesus, ele ficou convencido de que isso era real. Esta era uma mensagem verdadeira e poderosa de Deus.

Assim, quando Jesus pediu-lhe para deixar as redes de pesca para trás e se tornar um dos Seus “pescadores de homens”, Simão não poderia recusar.

O que se seguiu foi um tempo marcante de treinamento e transformação. Dia após dia, ele andou pelas estradas poeirentas com Jesus, ouvindo Suas parábolas e ensinamentos. Ele observou a atitude de servir de Jesus para com as pessoas e foi enviado para servir a outros também.

Ele sentiu a alegria de ser elogiado por Jesus e também o calor de Suas correções. Todas essas coisas foram ajudando a definir e moldar o barro que se tornaria o poderoso apóstolo Pedro. E essas mesmas experiências serviam para treiná-lo para o trabalho que Jesus lhe prometeu no Reino de Deus: ser rei de uma das tribos de Israel (Lucas 22:29-30)!

Jesus deu duas últimas ordens a Pedro: “Apascenta as minhas ovelhas” e “Siga-me” (João 21:17, 19). O registro bíblico mostra um homem que fez ambas as coisas

ao longo do resto de sua vida.

O fato mais incrível é que o programa de treinamento de Deus utilizado com Pedro também está disponível a nós através da Bíblia e do viver a vida cristã hoje em dia. O registro das últimas palavras de Pedro às ovelhas de Cristo foi um incentivo para que nós também seguíssemos o mesmo programa de treinamento: “Crescei na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja dada a glória, assim agora como no dia da eternidade. Amém” (2 Pedro 3:18).

Súditos leais de Cristo

Em seis mil anos de história se registra poucas vezes a existência de verdadeira justiça, alegria e paz entre as pessoas. E houve ainda menos tempo em que as pessoas realmente respeitavam e obedeciam a seu Deus Criador. Viver o caminho do “obter”, descrito na última lição, levou a humanidade ao longo de uma espiral descendente, ameaçando a sua própria existência.

Como vimos nos últimos dois estudos, as coisas vão mudar! Jesus Cristo vai assumir o cargo de Rei. Suas leis serão a constituição do vindouro Reino de Deus. Mas estes dois elementos não são suficientes. Os *próprios cidadãos* têm de mudar. A transformação da humanidade rebelde em súditos pacíficos do Reino de Deus é uma história fascinante. É uma história que pode começar hoje—com você!

Quais serão as atitudes e as ações predominantes das pessoas nos últimos dias antes da segunda vinda de Jesus Cristo?

“Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes” (2 Timóteo 3:1-5, ARA).

“Enganoso é o coração, mais do que

todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?” (Jeremias 17:9).

“Há caminho que ao homem parece direito, mas o fim dele são os caminhos da morte” (Provérbios 14:12).

“Como está escrito: Não há um justo, nem um sequer. Não há ninguém que entenda; não há ninguém que busque a Deus. Todos se extraviaram e juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nem um só. A sua garganta é um sepulcro aberto; com a língua tratam enganosamente; peçonha de áspides está debaixo de seus lábios; cuja boca está cheia de maldição e amargura. Os seus pés são ligeiros para derramar sangue. Em seus caminhos há destruição e miséria; e não conheceram o caminho da paz. Não há temor de Deus diante de seus olhos” (Romanos 3:10-18).

Pelo fato de o caminho egoísta do “obter” preencher completamente todo o mundo, as pessoas nem sequer percebem que a atitude de pensar e fazer o que “parece certo” para elas realmente é o que gera os problemas do mundo. Elas querem paz, mas vivem de forma que a paz torna-se impossível. E tudo isso só vai piorar à medida que o fim se aproxima.

Qual será a situação da população mundial quando Cristo voltar?

“Porque haverá, então, grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco haverá jamais” (Mateus 24:21).

“E os outros homens, que não foram mortos por estas pragas, não se arrependeram das obras de suas mãos, para não adorarem os demônios e os ídolos de ouro, e de prata, e de bronze, e de pedra, e de madeira, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar. E não se arrependeram dos seus homicídios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem das suas ladroíces” (Apocalipse 9:20-21).

“E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo e ao seu exército” (Apocalipse 19:19).

A rebelião humana vai trazer a pior época de dificuldades que o mundo já viu. Será pior do que a Inquisição, os pogroms (ata-

que maciço violento a pessoas que varreu o sul da Rússia entre 1881 e 1884), os genocídios ou o holocausto. No entanto, mesmo com as pragas e problemas, as pessoas se recusam a arrepende-se, e as nações ainda vão tentar lutar contra Cristo no Seu retorno! Mas no final de tudo isso, o restante da humanidade que sobreviver estará pronto para se render, e precisará muitíssimo da cura do corpo, da mente e do espírito.

Quem Cristo governará e o que presenciaremos?

“E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino, o único que não será destruído” (Daniel 7:14).

“Ó SENHOR, fortaleza minha, e força minha, e refúgio meu no dia da angústia! A ti virão as nações desde os fins da terra e dirão: Nossos pais herdaram só mentiras e vaidade, em que não havia proveito” (Jeremias 16:19).

“E não ensinará alguém mais a seu próximo, nem alguém, a seu irmão, dizendo: Conheci ao SENHOR; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior, diz o SENHOR; porque perdorei a sua maldade e nunca mais me lembrarei dos seus pecados” (Jeremias 31:34).

Finalmente, todas as pessoas saberão que todos os caminhos e tradições humanas são inúteis. Eventualmente, cada pessoa vai ser capaz de aprender o caminho de Deus e ter um relacionamento pessoal com Ele.

Quem vai ajudar a Cristo a ensinar e a governar o povo?

“Mas os santos do Altíssimo receberão o reino e possuirão o reino para todo o sempre e de eternidade em eternidade” (Daniel 7:18; ver também Apocalipse 2:26-27; 3:21).

Jesus Cristo terá o Seu povo *auxiliando-O* a governar, ensinar e cuidar de todas as pessoas. Todos os fiéis chamados por Deus e separados pelo dom do Espírito de Deus são chamados de santos (Romanos 1:7; 5:5).

Quais trabalhos específicos no Reino de Deus são mencionados na Bíblia?

“Mas [os israelitas] servirão ao SENHOR, seu Deus, como também a Davi, seu rei, que lhes levantarei” (Jeremias 30:9).

“E meu servo Davi reinará sobre eles [os israelitas], e todos eles terão um pastor; e andarão nos meus juízos, e guardarão os

meus estatutos, e os observarão. E habitarão na terra que dei a meu servo Jacó, na qual habitaram vossos pais; e habitarão nela, eles, e seus filhos, e os filhos de seus filhos, para sempre; e Davi, meu servo, será seu príncipe eternamente” (Ezequiel 37:24-25).

“E Jesus disse-lhes [Seus doze apóstolos], Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel” (Mateus 19:28).

Observe que, no Reino de Deus, o rei Davi reinará sobre toda a Israel e cada um dos doze apóstolos reinará sobre as tribos individuais de Israel—de modo que haverá uma hierarquia estruturada de governo.

Que outros trabalhos que devemos nos preparar para fazer no Reino de Deus?

“Bem vos dará o SENHOR pão de angústia e água de aperto, mas os teus instrutores nunca mais fugirão de ti, como voando com asas; antes, os teus olhos verão a todos os teus mestres. E os teus ouvidos ouvirão a palavra que está por detrás de ti, dizendo: Este é o caminho; andai nele, sem vos desviardes nem para a direita nem para a esquerda” (Isaías 30:20-21).

“E aconteceu que, voltando ele, depois de ter tomado o reino, disse que lhe chamassem aqueles servos a quem tinha dado o dinheiro, para saber o que cada um tinha ganhado, negociando. E veio o primeiro dizendo: Senhor, a tua mina rendeu dez minas. E ele lhe disse: Bem está, servo bom, porque no mínimo foste fiel, sobre dez cidades terás a autoridade. E veio o segundo, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu cinco minas. E a este disse também: Sê tu também sobre cinco cidades” (Lucas 19:15-19).

A Bíblia lista as futuras responsabilidades de ensinar as pessoas os caminhos de Deus e servir como governantes de cidades. O povo de Deus tem o desafio ser treinado agora para assumir essas responsabilidades futuras!

Como nos preparamos para servir no Reino de Deus?

“Crescei na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja dada a glória, assim agora como no dia da eternidade. Amém!” (2 Pedro 3:18).

“Ao que vencer, lhe concederei que se assente comigo no meu trono, assim como eu venci e me assentei com meu Pai no seu

trono” (Apocalipse 3:21).

“Mas Jesus, chamando-os a si, disse-lhes: Sabeis que os que julgam ser príncipes das gentes delas se assenhoreiam, e os seus grandes usam de autoridade sobre elas; mas entre vós não será assim; antes, qualquer que, entre vós, quiser ser grande será vosso serviçal. E qualquer que, dentre vós, quiser ser o primeiro será servo de todos. Porque o Filho do Homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos” (Marcos 10:42-45).

Para ser capaz de ensinar e ajudar aos outros a viverem o caminho de Deus no futuro, devemos aprender e praticar seus caminhos agora. Para ajudar aos outros a vencer o pecado e transformar suas vidas, devemos vencer o pecado e transformar nossas vidas. Para servir a Jesus e aos outros de forma eficaz no futuro, temos de aprender a servi-los agora. Nosso livro *Transformando A Sua Vida: O Processo de Conversão* tem muito mais sobre este assunto.

Jesus Cristo trará um verdadeiro caminho de paz e de alegria que vai se espalhar para todas as pessoas ao redor do mundo. Ele quer que treinemos agora para ajudá-Lo nessa maravilhosa e grandiosa obra. Agora é a hora de você aceitar esse desafio!

Pratique o que você aprendeu agora

No último ministério analisamos a ordem de Deus para que os reis israelitas escrevessem uma cópia das Suas leis e as lesse regularmente (Deuteronômio 17:18-20). Escrever as escrituras pode ajudar a enfatizar o que estamos estudando. E reler e pensar profundamente sobre as palavras de Deus pode nos ajudar a manter a perspectiva correta.

Na última vez pedimos que escrevessem os primeiros quatro Mandamentos. Hoje, chegou a hora de escrever os seis últimos Mandamentos de Êxodo 20:12-17. Estes seis últimos mandamentos dizem respeito aos nossos relacionamentos com as outras pessoas e ajudam a explicar como a “amar o próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:39).

Depois de escrever estes seis Mandamentos, tire um tempo para relê-los e pensar em como praticá-los todos os dias desta semana. Você vai encontrar um capítulo sobre cada um destes mandamentos em nosso livro gratuito *Os Dez Mandamentos*, que você vai achar muito útil para estudar mais profundamente este assunto. Você pode baixar ou solicitar a sua cópia gratuita hoje mesmo! **BN**

Estamos perto do fim do mundo?

O que a profecia bíblica revela acerca do tempo do fim e dos acontecimentos que nos trazem a esse tempo? Pode vir a saber?

Você necessita ler ‘Estamos Vivendo no Tempo do Fim?’ e ‘Você Pode Entender a Profecia Bíblica’. Uma cópia gratuita destes guias de estudo bíblico estão à sua espera—faça um download (baixe-os) ou peça a sua cópia hoje!

www.revistaboanova.org



Israel (continuado da página 15)

no tempo do fim desta era do homem, que será seguido pelo utópico reino milenar de Jesus Cristo e Seus santos (Apocalipse 20:4-6). Esta escritura chave se encontra em Zacarias 12:2-3:

“Eis que porei [Deus] Jerusalém como um copo de tremor para todos os povos em redor e também para Judá, quando do cerco contra Jerusalém. E acontecerá, naquele dia [da intervenção direta de Deus], que farei de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos; todos os que carregarem com ela certamente serão despedaçados, e ajuntar-se-ão contra ela todas as nações da terra”.

Embora Jerusalém (muitas vezes significa não apenas a cidade em si, mas também toda a nação de Israel) tenha sido uma fonte de discórdia durante a maior parte de sua história, esta passagem profética fala principalmente do *tempo do Armagedom* (ver Apocalipse 16:14-16) pouco antes da segunda vinda de Jesus Cristo. (Para mais detalhes não deixe de baixar nosso artigo “*Armagedom: O Fim do Mundo?*” do nosso site revistaboanova.org/literatura/artigos/).

Mas que eventos geopolíticos decisivos podem levar diretamente para o ponto mais importante de toda a futura história mundial? Em breve, uma nova superpotência europeia vai surgir e tomar o controle do Egito e da Terra Santa. O líder desta superpotência tem sido identificado na profecia bíblica como “o rei do Norte”.

Outro líder do fim do tempo, referido como “o rei do Sul” (provavelmente liderando uma aliança de nações islâmicas do Oriente Médio, possivelmente um califado islâmico restaurado), vai lutar ou “dar chifradadas” ao rei do Norte, levando-o a um “blitzkrieg” (termo alemão para guerra-relâmpago), invadindo o Egito e entrando na “terra gloriosa”—a Terra

Santa (Daniel 11:40-42).

Mas, então, como esses inimigos serão vencidos? Zacarias 14:3-4 nos dá a resposta em uma profecia básica sobre a volta de Cristo à Terra. “E o SENHOR sairá e *pelejará contra estas nações* . . . E, naquele dia, estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente”. Essas nações serão reunidas no Armagedom para combater o Messias, Jesus Cristo, na Sua vinda.

Pouco antes disso, a “metade da cidade [de Jerusalém] sairá para o cativoiro” (versículo 2). Assim, a indicação clara é que Israel voltará a ser ocupada por exércitos estrangeiros e estará sob o controle gentio por três anos e meio, pouco antes da segunda vinda de Cristo (Apocalipse 11:2).

Como mencionado no início deste artigo, uma série de nações vizinhas já tem a intenção de destruir a nação de Israel. No entanto, apesar de todos os problemas que venham a provocar em Israel, a profecia bíblica indica que estas nações do Oriente Médio não serão capazes de conquistar o Estado judeu.

Por fim, o cativoiro e a ocupação de Israel estão destinados a surgir de uma fonte inesperada—a nova superpotência europeia profetizada, mencionada acima. Então o povo de Israel finalmente vai aprender o quanto dependem de Deus para ter proteção e segurança. Então esse povo vai dar as boas-vindas ao Ungido, seu Messias há muito tempo esperado.

Cristo vai resgatar Israel

Uma animadora, e ainda não cumprida, profecia de Cristo retrata a cena do fim dos tempos. “Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que levantarei a Davi um Renovo justo; sendo rei, reinará, e prosperará, e praticará o juízo e a justiça na

terra. Nos seus dias, *Judá será salvo, e Israel habitará seguro*; e este será o nome com que o nomearão: O SENHOR, Justiça Nossa” (Jeremias 23:5-6).

O cumprimento desta profecia é tão importante para o futuro de Israel que é repetida quase literalmente em Jeremias 33:15-16. O contexto particular dessa profecia torna-a ainda mais intrigante. Estas maravilhosas e inspiradoras palavras foram proferidas por Jeremias no meio duma série de profecias trágicas que se cumpririam sobre a nação de Judá no início do cativoiro babilônico, no sexto século a.C., e que durou setenta anos.

Mesmo nas circunstâncias mais desanimadoras Deus manteve totalmente em mente Seu plano definitivo de resgate e libertação.

Por mais problemas que esse povo da minúscula nação de Israel no Oriente Médio tenha que suportar antes desse momento crucial no futuro, nós podemos ter a certeza absoluta de que o próprio Deus virá em socorro de Israel, através da intervenção direta de Jesus Cristo de Nazaré. Nosso Criador mantém os olhos sobre Jerusalém e Israel. E nós também deveríamos! **BN**

Para Saber mais

Quase um quarto da Bíblia é profecia. Muitas passagens proféticas estão diretamente relacionadas com o Oriente Médio, tanto que temos publicado um livro abrangente intitulado *O Oriente Médio na Profecia Bíblica*. Esta publicação perspicaz entra em maiores detalhes sobre os assuntos abordados neste artigo. Você pode baixar ou solicitar o seu



www.revistaboanova.org